



Conjuntura ECONÔMICA BAIANA





RECONHECIMENTO

NÚCLEO DE ESTUDOS CONJUNTURAIS | ECONOMIA BAIANA

Participantes

Abhel Abreu dos Santos

Alanna Souza dos Santos Silva

Bruno Moura Rocha Couto

Douglas Quirino de Oliveira Mota

Eduardo Maynard

Henrique Moura Ferreira

Luiza Souza Brandão

Pietro Costa Moreira

Rafael Carvalho Caires de Lima

Indústria

Luiza Souza Brandão

Comércio Exterior

Douglas Quirino de Oliveira Mota

Bruno Moura Rocha Couto

Trabalho e Rendimento

Abhel dos Santos

Rafael Carvalho Caires Lima

Orientadora

Kaiza Correia

Elaboração Textual

Fiscal

Alanna Souza dos Santos Silva

Eduardo Maynard

Commodities Agrícolas

Pietro Costa Moreira

Henrique Moura Ferreira

SUMÁRIO

1- Apresentação

2- Política Fiscal

3- Commodities

4- Indústria

5- Comércio Exterior

**6- Trabalho e
Rendimento**

**7- Considerações
Finais**



Conjuntura Fiscal

1. PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

1.1 VARIAÇÃO ANUAL 2025/2024

Tabela 1: PIB Anual - 2025

PIB 2025	R\$ 536,4 Bilhões
2025/2024	2,7%
VARIAÇÃO ANUAL NOMINAL	R\$ 53,8 Bilhões

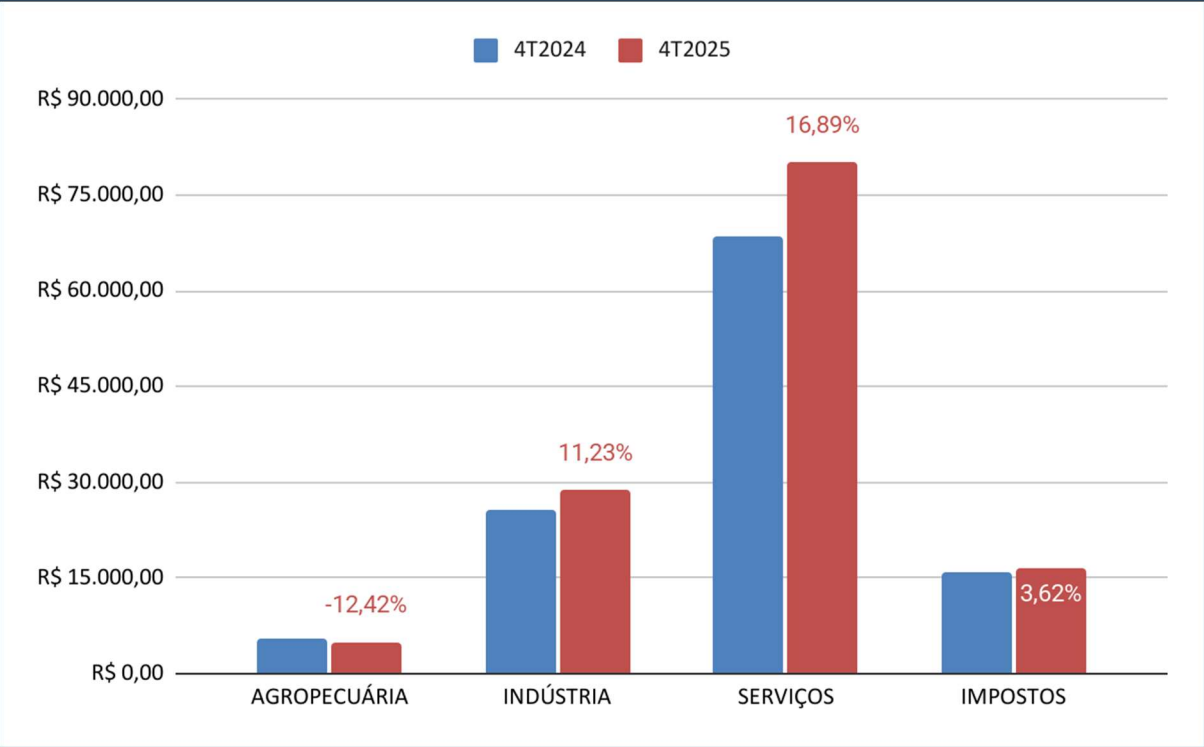
Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Elaboração Própria.

O Produto Interno Bruto do Estado da Bahia totalizou R\$536,4 bilhões em 2025, registrando crescimento de 2,7% em relação ao ano anterior, com incremento nominal de R\$53,8 bilhões. O resultado anual supera a variação do PIB nacional no mesmo período, que apresentou crescimento de 2,3%, consolidando a trajetória de crescimento da economia baiana acima da média do país em 2025. O resultado foi sustentado pelo crescimento de 2,8% no Valor Adicionado Bruto e pela expansão de 2,3% na arrecadação de impostos sobre produtos líquidos de subsídios.

1.2 COMPOSIÇÃO DO PIB

Gráfico 1: Variação dos setores do PIB



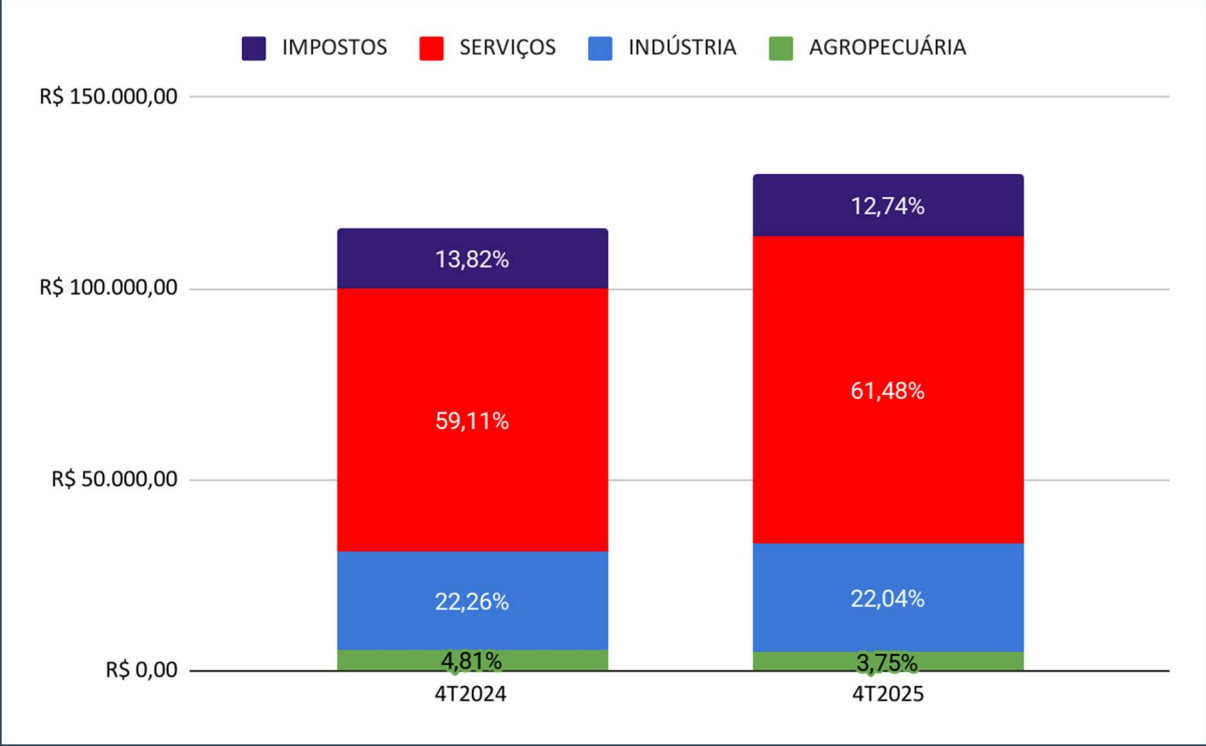
Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Elaboração Própria.

Nota: Valores em R\$ milhões.

A composição setorial do PIB baiano no quarto trimestre de 2025 revela um crescimento liderado pelo setor de serviços, que registrou crescimento de 16,89% e pela Indústria, com crescimento de 11,23%, perante o mesmo período de 2024. Esses dois setores foram os principais responsáveis pelo desempenho superior do estado baiano frente à média nacional. A variação positiva de 3,69% nos Impostos sobre Produtos Líquidos de subsídios indica uma maior circulação de bens e serviços tributáveis. Em contrapartida, o setor agropecuário experienciou retração de 12,42%.

Gráfico 2: Composição do PIB



Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Elaboração Própria.

Nota: Valores em R\$ milhões.

A análise da participação setorial do PIB baiano evidencia o aprofundamento da estrutura terciária da economia do estado. O setor de Serviços reforçou sua posição como principal componente da economia baiana, saindo de 59,11% para 61,47%, consolidando a tendência de terceirização. Os Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios responderam por 12,74% do PIB no quarto trimestre de 2025, uma redução de 1,08% em relação ao mesmo período no ano anterior. Mesmo com o crescimento em valores nominais, a aceleração do setor não foi suficiente para fazer frente à aceleração dos outros setores. A Indústria praticamente não alterou a sua participação estrutural, recuando de 22,26% para 22,03%, acompanhando o ritmo geral da economia. A retração no volume produzido pelo setor agropecuário refletiu diretamente na participação no setor do PIB, passando de 4,81% para 3,75%.

2. RECEITAS

2.1 VARIAÇÃO TRIMESTRAL DA RECEITA CORRENTE

Tabela 3: Desempenho das Receitas Correntes - 1B2026/1B2025

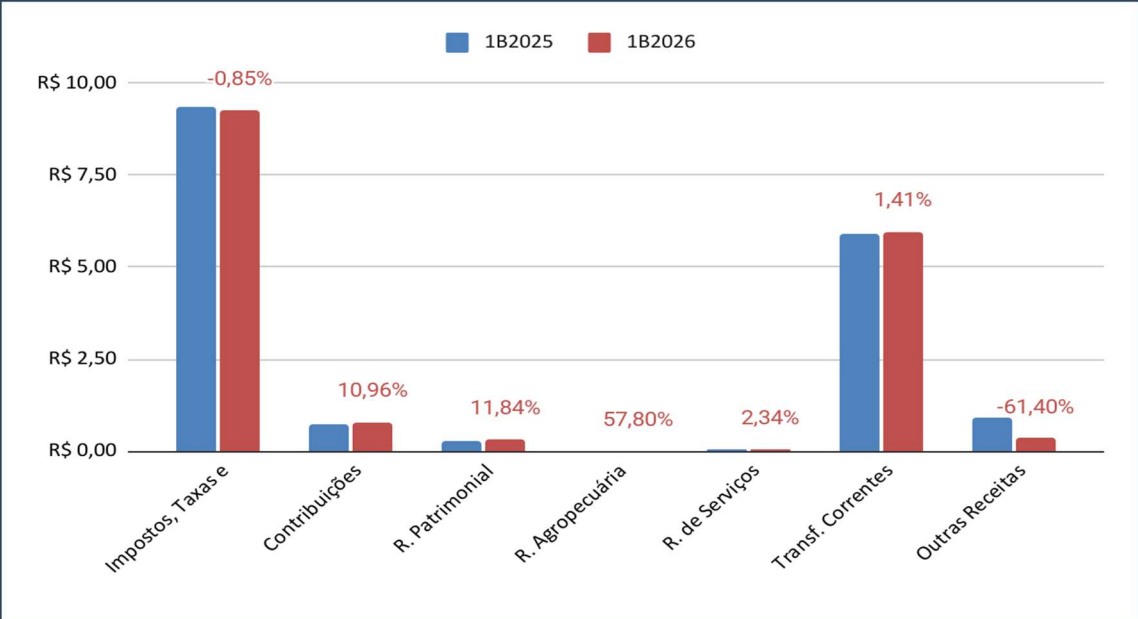
Receitas Correntes - 1B2026	R\$ 16,7 Bilhões
Receitas Correntes - 1B2025 (corrigida pelo IPCA)	R\$ 17,2 Bilhões
Variação nominal (1B2026/1B2025)	R\$ 192,9 milhões (1,17%)
Variação real¹ (1B2026/1B2025)	-R\$ 437 milhões (-2,55%)

¹Deflator: IPCA acumulado até fevereiro de 2026 (3,81%).
Fonte: IBGE/FIPLAN/SEFAZ
Elaboração própria.

A receita corrente do Estado da Bahia totalizou aproximadamente R\$16,73 bilhões no primeiro bimestre de 2026, frente a R\$16,54 bilhões no mesmo período em 2025, significando crescimento nominal de 1,17%. Contudo, deflacionada pelo IPCA acumulado em 12 meses até fevereiro de 2026 (3,81%), a receita corrente recuou 2,55% em termos reais. O crescimento nominal de 1,17% se mostrou insuficiente para preservar o poder de compra da arrecadação estadual, configurando perda real de receita e impondo desafios à execução orçamentária ao longo de 2026.

2.2 COMPOSIÇÃO DA RECEITA CORRENTE

Gráfico 3: Composição da Receita Corrente - 1B2026/1B2025



Fonte: FIPLAN/SEFAZ.

Elaboração própria.

Nota: Valores em R\$ bilhões.

A análise da composição da receita corrente do Estado da Bahia revela um quadro de contração real da arrecadação estadual. A principal fonte de receita, Impostos, Taxas e Contribuições de Melhoria, que representam 55% da arrecadação, apresentou queda real de 0,85%. As Transferências Correntes, segunda maior contribuição para a receita, com 37% de participação, apresentaram crescimento real de 1,41%, contribuindo para atenuar o recuo do agregado. Destacam-se positivamente as Receitas Patrimoniais (11,85%) e as Contribuições (10,97%), em termos reais. O principal fator de queda foi a retração real de 61,57% em Outras Receitas Correntes.

3. DESPESAS

3.1 VARIAÇÃO TRIMESTRAL DAS DESPESAS

Tabela 4: Desempenho das Despesas Correntes - 1B2026/1B2025

Despesas Correntes - 1B2026	R\$ 12 Bilhões
Despesas Correntes - 1B2025 (corrigida pelo IPCA)	R\$ 12,4 Bilhões
Variação nominal (1B2026/1B2025)	R\$ 116,8 milhões (0,98%)
Variação real ¹ (1B2026/1B2025)	-R\$ 339 milhões (-2,73%)

¹Deflator: IPCA acumulado até fevereiro de 2026 (3,81%).

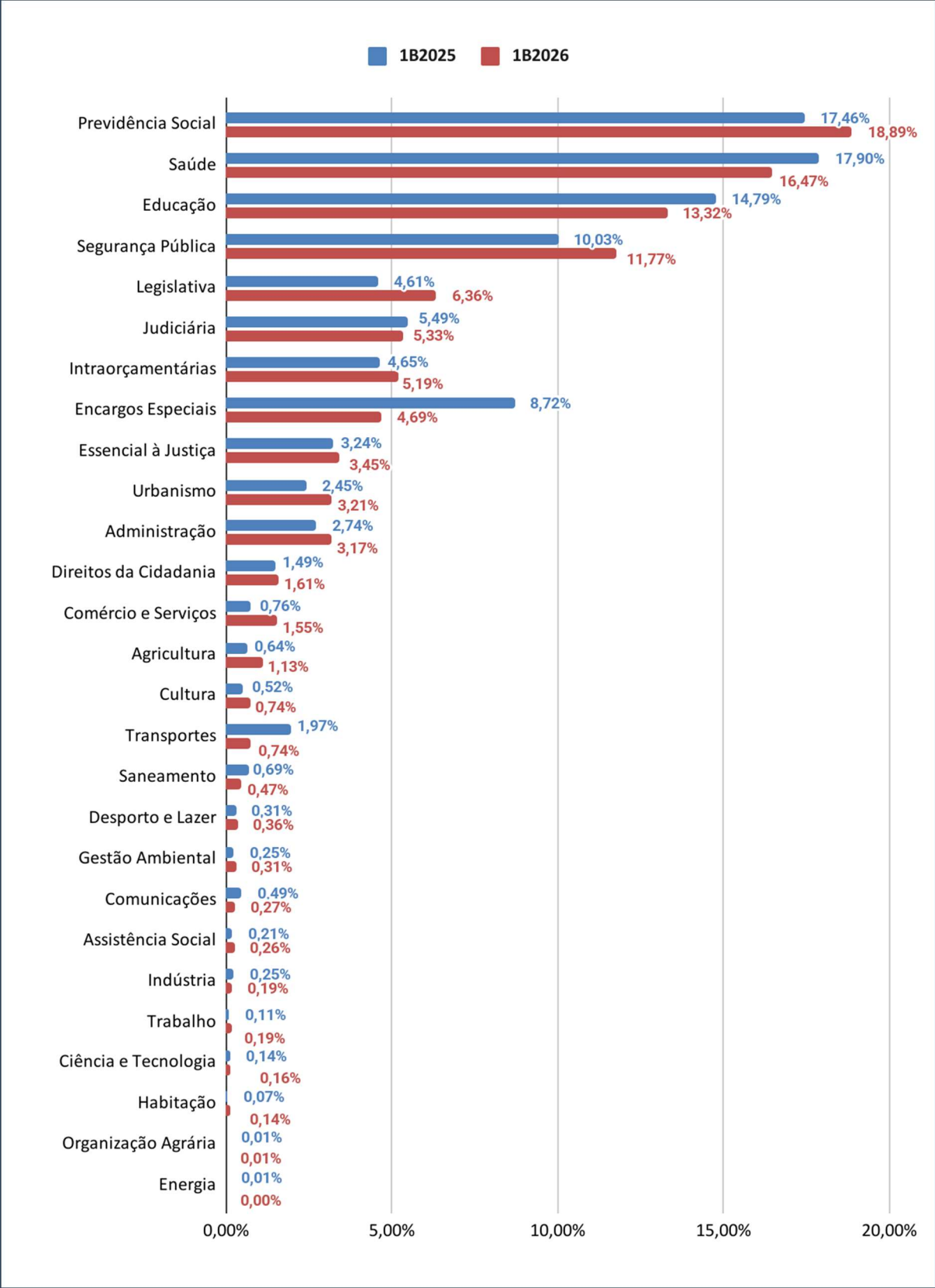
Fonte:

IBGE/FIPLAN/SEFAZ

Elaboração própria.

As despesas do Estado da Bahia totalizaram R\$12 bilhões no primeiro bimestre de 2026, registrando crescimento nominal de 0,98% perante ao mesmo período de 2025. Deflacionado pelo IPCA acumulado em 12 meses até fevereiro de 2026, o resultado representa queda real de 2,73%. Em termos absolutos, a perda real corresponde a R\$ 339 milhões. Embora a contração das despesas em termos reais possa refletir contenção fiscal deliberada, coerente com a queda real da receita corrente identificada no mesmo período, é preciso considerar que o primeiro bimestre do exercício financeiro caracteriza-se historicamente por baixa execução orçamentária, o que impõe cautela na interpretação do resultado. O acompanhamento da trajetória das despesas nos bimestres subsequentes será essencial para avaliar se a retração observada representa um ajuste fiscal estrutural ou apenas um represamento temporário da execução orçamentária.

Gráfico 4: Composição das Despesas Correntes - 1B2026/1B2025



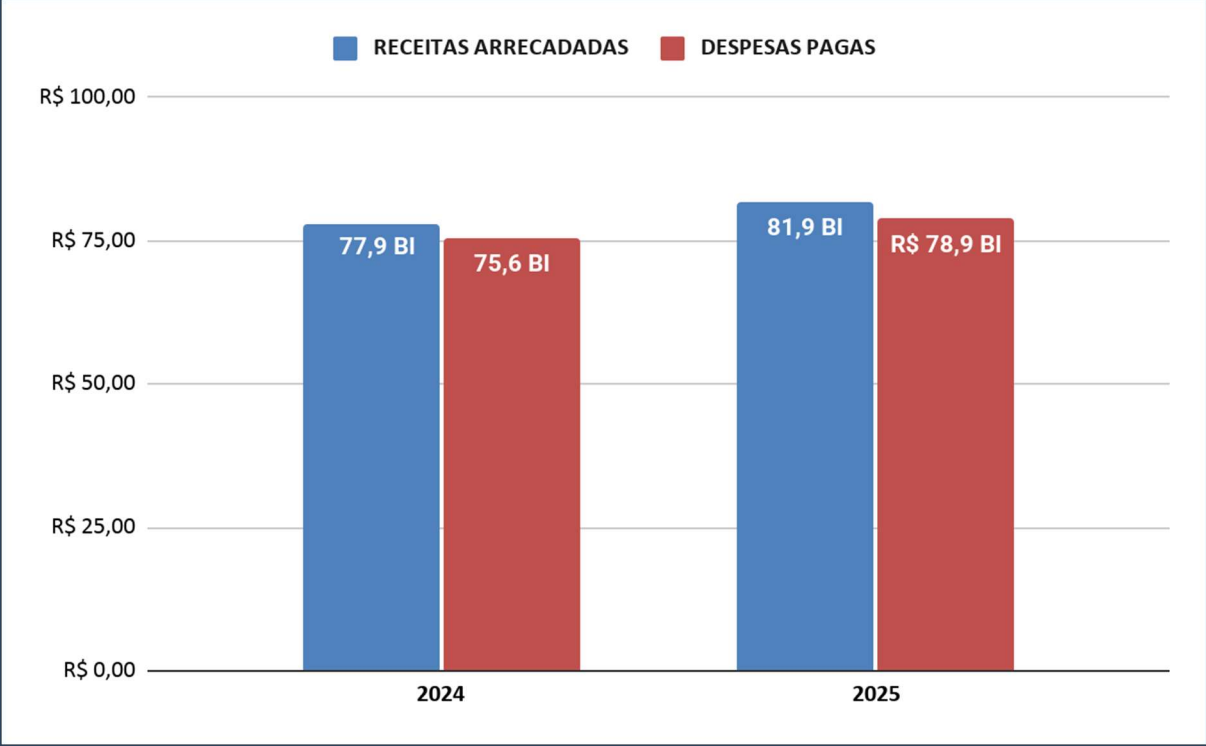
Fonte: FIPLAN.

Elaboração própria.

A composição das despesas do Estado da Bahia no primeiro bimestre de 2026 revela a continuidade da pressão previdenciária sobre o orçamento estadual, com a Previdência Social ampliando sua participação de 17,46% para 18,89%, consolidando-se como a principal despesa corrente estadual. A Segurança Pública registrou o maior ganho relativo entre as despesas, passando de 10,03% para 11,77%. Em contrapartida, Saúde e Educação, despesas sujeitas a pisos definidos na Constituição, perderam participação relativa no período, recuando 1,4 e 1,5 ponto porcentual, respectivamente. A expressiva queda dos Encargos Especiais, despesa correspondente aos serviços da dívida pública estadual (saiu de 8,72% para 4,69%) e da despesa com Transportes (saiu de 1,97% para 0,74%) merece atenção, seja pela possibilidade de postergação de obrigações financeiras, seja pela possibilidade de represamento de investimentos em infraestrutura em um setor de importância para a rotina dos baianos, que poderão pressionar a execução orçamentária dos seguintes bimestres.

5. BALANÇO ORÇAMENTÁRIO

Gráfico 5: Balanço Orçamentário - 2025



Deflator: IPCA acumulado de 2025 (4,26%).

Fonte: IBGE/FIPLAN/SEFAZ

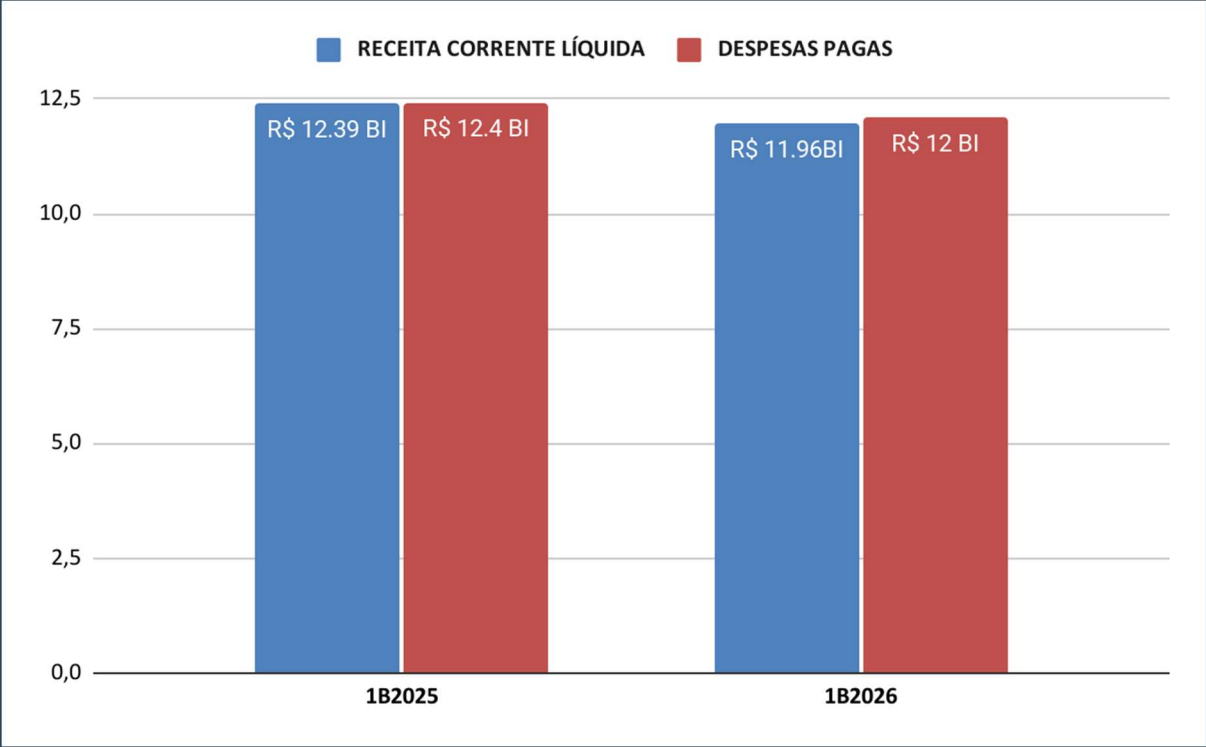
Elaboração própria.

Nota: Valores em R\$ bilhões.

O balanço orçamentário do Estado da Bahia em 2025, apurado em valores reais, apresentou avanço em relação ao resultado apresentado em 2024. A receita arrecadada cresceu 5,1% em termos reais, alcançando R\$81,9 bilhões, enquanto as despesas pagas avançaram 4,3%, totalizando R\$78,9 bilhões. O crescimento da receita acima das

despesas ampliou o superávit corrente de R\$2,3 bilhões para R\$3 bilhões, sinalizando melhora da posição fiscal do estado ao longo do exercício de 2025. Esse resultado é consistente com o desempenho positivo da economia baiana no período, que registrou crescimento real do PIB de 2,7%, sustentando a base de arrecadação tributária do estado.

Gráfico 6: Balanço Orçamentário - 1B2026/1B2025



¹Deflator: IPCA

acumulado até fevereiro de 2026 (3,81%).

Fonte: IBGE/FIPLAN/SEFAZ

Elaboração própria.

Nota: Valores em R\$ bilhões.

O Balanço Orçamentário no primeiro bimestre de 2026, em termos reais deflacionados pelo IPCA acumulado até fevereiro de 2026 (3,81%), registrou um déficit fiscal em seu orçamento, estimado em aproximadamente R\$123 milhões. Percebe-se o agravamento de um déficit real, que expandiu em relação ao mesmo período do ano anterior, quando o déficit registrado foi de R\$29 milhões, aproximadamente. Este comportamento reflete um aumento real de 315,8% no déficit orçamentário entre os períodos. Observa-se que o ritmo da redução de despesas não conseguiu acompanhar a velocidade de queda das receitas, resultando em um início de exercício desafiador para o tesouro estadual.

Comércio Exterior

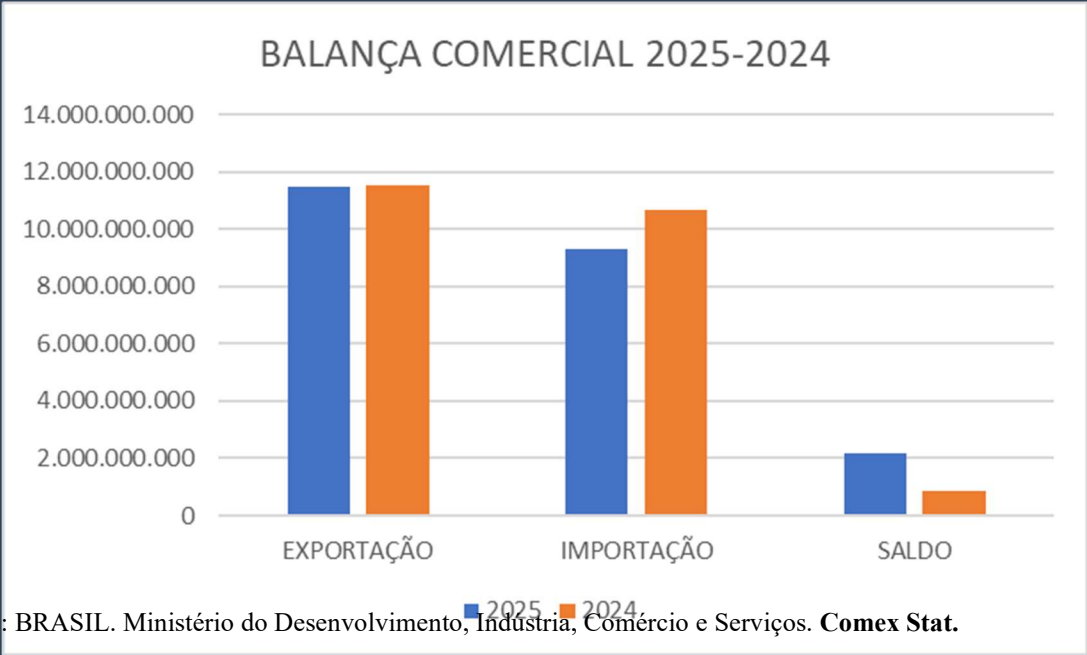
Comparativo ano de 2025 com 2024

Balança comercial Bahia-Brasil:

Na comparação entre o ano de 2025 e o ano de 2024, a balança comercial da Bahia apresentou uma queda de 1,85% nas exportações, enquanto as importações também registraram números negativos, com variação negativa de 12,7%.

Uma vez que se registra estas tendências, 2025 registrou um superávit tanto em valor (US\$2.152.266.401), . Uma inclinação que aconteceu também no ano de 2024, em que os níveis de exportações foram maiores do que os de importação, gerando um saldo positivo de US\$847.843.819. Essa performance coincide com o cenário nacional, uma vez que a balança comercial do Brasil, durante esse período, exportou mais do que importou, alcançando um saldo positivo no primeiro trimestre de 68.070.028.675 bilhões de dólares, aproximadamente 6.106 milhões a menos do que o ano de 2024 (que registrou US\$74.176.555.536).

Assim, o Estado da Bahia posicionou-se como o 10º maior exportador do Brasil no ano de 2025, perdendo uma posição em relação ao 9º lugar ocupado em 2024. Nas importações, o diagnóstico foi de manutenção, posicionando-se em 9º lugar tanto no ano de 2025 quanto no de 2024.



Elaboração Própria.

Principais Produtos Exportados:

Separando analiticamente em dois semestres para a melhor compreensão, o primeiro semestre do ano foi marcado por quedas na exportação, a exportação de soja, o principal produto do estado, que registrou uma redução de 8% em volume e 21% em valores em comparação ao período anterior. Apesar da safra recorde impulsionada pelo aumento da área plantada, esse crescimento não se refletiu nas vendas externas. A retração foi causada principalmente pela queda dos preços internacionais, levando produtores a reterem a produção à espera de valorização. Segundo a SEI, em janeiro as exportações de soja chegaram a cair 81%, comprometendo a competitividade e os resultados baianos no cenário nacional.

Setor de Petróleo ,situação semelhante ocorreu no petróleo, onde a Bahia registrou aumento na produção, liderada pela PetroReconcavo, que atingiu média diária de 27,7 mil barris em março de 2025. No entanto, as exportações caíram aproximadamente 20% em volume e valor. Essa redução foi motivada por condições desfavoráveis no mercado internacional, especificamente a decisão da OPEP de ampliar a oferta, o que derrubou o preço do barril de US\$80 para US\$60, desvalorizando a commodity brasileira.

Papel e Celulose ocupando o terceiro lugar na pauta exportadora, o papel e a celulose registraram aumento de 1% em volume e quase 8% em valor. O desempenho reflete um crescimento produtivo de 9,3% em março. Além da valorização cambial, a paralisação de indústrias na China gerou uma demanda adicional que sustentou a alta dos preços desta commodity.

O algodão apresentou alta de 30% no volume exportado e 11% em valores, resultado de um crescimento de 20% na área plantada. O uso de tecnologias avançadas no monitoramento e manejo de pragas também contribuiu para que o crescimento em volume fosse superior ao aumento financeiro.

Cacau e seus derivados, este segmento, registrou um salto expressivo com aumento de quase 50% em volume e uma variação positiva de 174% em valor. O resultado deve-se à valorização internacional, com a tonelada atingindo US\$12 mil devido a problemas climáticos (El Niño) em outros países produtores. Somado a isso, houve um aumento na demanda por produtos premium, especialmente em mercados emergentes da Ásia. A Bahia consolidou-se como o maior produtor nacional, com 139.011 toneladas, destacando-se os polos de Ilhéus, Wenceslau Guimarães e Ibirapitanga.

Café e Especiarias, a Bahia posicionou-se como o maior produtor de café do Nordeste, aproveitando uma valorização global causada pela redução da oferta climática. Isso gerou um aumento de 47% nas exportações em volume e de 165% em valores. O setor de especiarias também surpreendeu: a pimenta-do-reino cresceu 90% em volume e 204% em valores, enquanto o cravo-da-índia saltou 2.000% em volume e 1.400% em valores. O estado também ganha relevância na exportação de cafés gourmet de alta qualidade.

O milho apresentou variação superior a 200% tanto em volume quanto em valor no primeiro trimestre de 2025. O crescimento de 2,7% na primeira safra e o aumento de 5% na área plantada foram fundamentais. O preço da

saca valorizou de R\$62,62 para R\$72,94, impulsionado pela forte demanda da China e pela desvalorização do real, que tornou a exportação mais atrativa que a venda interna.

Já no segundo semestre, para explicar o comportamento das exportações baianas no segundo semestre de 2025, é obrigatório contextualizar o impacto do "tarifaço" global imposto pelo presidente dos EUA, Donald Trump. A cronologia dos fatos revela como a incerteza moldou o mercado: desde a posse em 20 de janeiro, passando pelo anúncio das tarifas em 2 de abril (25% para aço/alumínio e 10% para os demais), até o endurecimento em 4 de junho, quando a tarifa do aço dobrou para 50%. O ápice da instabilidade ocorreu em 9 de julho, quando as tarifas foram usadas como instrumento de pressão política sobre a soberania nacional, culminando na entrada em vigor das taxas no dia 6 de agosto.

Este caos gerado pela guerra tarifária possui um objetivo claro de desestabilizar a ordem econômica mundial para tentar manter a hegemonia do dólar. Historicamente, os EUA sacrificaram sua base industrial para inundar o mundo com sua moeda, acumulando déficits massivos. Agora, através do protecionismo, Trump tenta forçar uma manutenção desse poder, ignorando que o mundo atual, ao contrário do pós-Segunda Guerra, possui parceiros organizados e industrializados prontos para negociar sem a mediação americana.

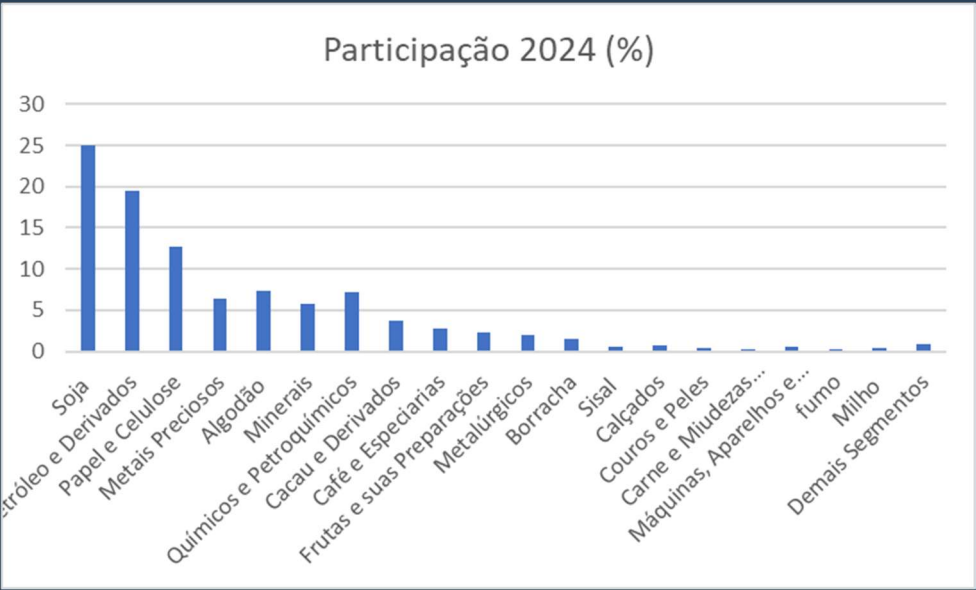
Na Bahia, os impactos dessa conturbação global vieram com um recuo significativo, movido principalmente pela indústria. Setores pilares como o químico e o metalúrgico sentiram o golpe, mas o setor de petróleo e derivados foi o epicentro, com quedas de 80% nas vendas em maio e 21% em junho, perdendo tanto em receita quanto em volume. Embora a oficialização da tarifa de 50% em agosto tenha trazido uma lista de exceções (celulose e derivados de petróleo) que amorteceu o impacto, na prática, essa proteção atingiu apenas um terço (33%) da nossa pauta para os EUA. A situação tornou-se grave para a fruticultura do Vale do São Francisco, que depende do mercado americano para escoar um terço de sua produção de manga, e para a cadeia do cacau, que envolve mais de 40 mil trabalhadores.

Apesar da tendência de queda prolongada no setor de petróleo com julho recuando -74,3% em volume e agosto registrando a pior marca de -95,7%, os dados de novembro e dezembro revelam uma resiliência inesperada. O setor aproveitou sua condição de item isento e a abertura de novos mercados para estancar a sangria, fechando o último bimestre com um salto para U\$390,3 milhões, um crescimento de 11,4% em valor e 23% em volume comparado ao mesmo período de 2024.

O setor agropecuário, por sua vez, demonstrou alta vulnerabilidade aos preços internacionais, a soja, mesmo com o recorde de colheita estimado pelo IBGE em 8,61 milhões de toneladas (alta de 14,3% sobre 2024), não conseguiu converter produtividade em receita. No último bimestre do ano de 2025, o valor exportado caiu de U\$372 milhões para U\$269 milhões (-27,7%), confirmando que a queda nos preços internacionais e a retenção de estoques pesaram mais que o recorde no campo. Em contrapartida, a celulose e o algodão mostraram força; a

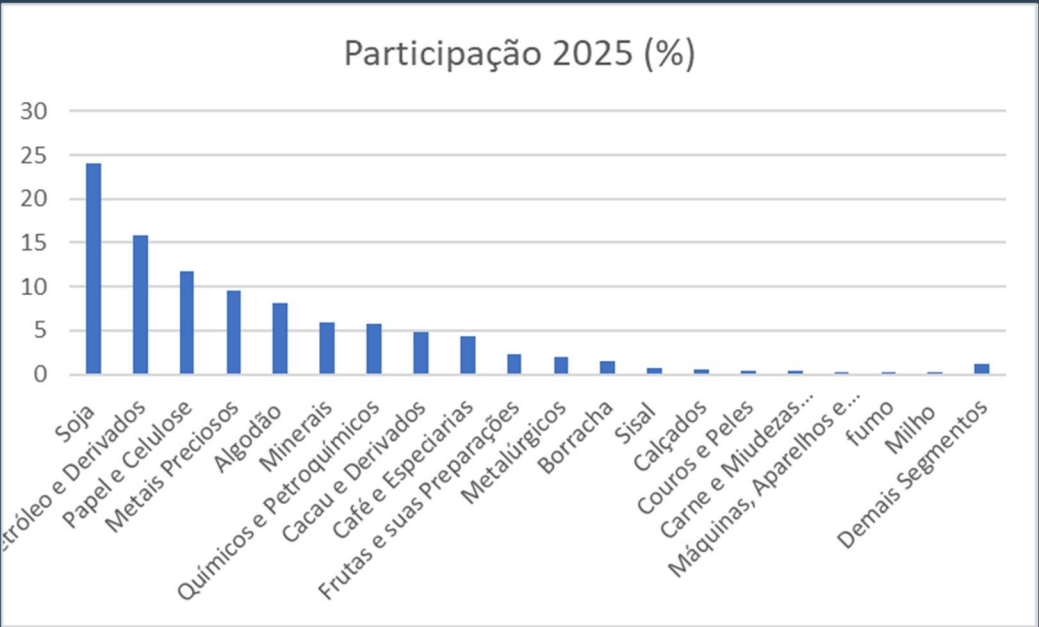
celulose, protegida pela lista de exceções e pela antecipação de embarques, manteve faturamento sólido acima de U\$182 milhões, enquanto o algodão fechou o semestre com crescimento expressivo de 39% em valor.

Em suma, a análise revela um impacto assimétrico. A Bahia demonstrou resiliência ao antecipar embarques e buscar fôlego em mercados como a China e a Comunidade Andina, mas o principal desafio persistiu na queda dos preços. Vivemos um cenário contraditório onde, em certos meses como setembro, o volume exportado aos EUA aumentou (38,3%), mas a receita não acompanhou, provando que o "tarifaço" e a instabilidade global corroeram a rentabilidade baiana, mesmo onde o volume físico foi mantido.



Fonte: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. **Comex Stat**.

Elaboração Própria.



Fonte: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. **Comex Stat**.

Elaboração Própria.

Países:

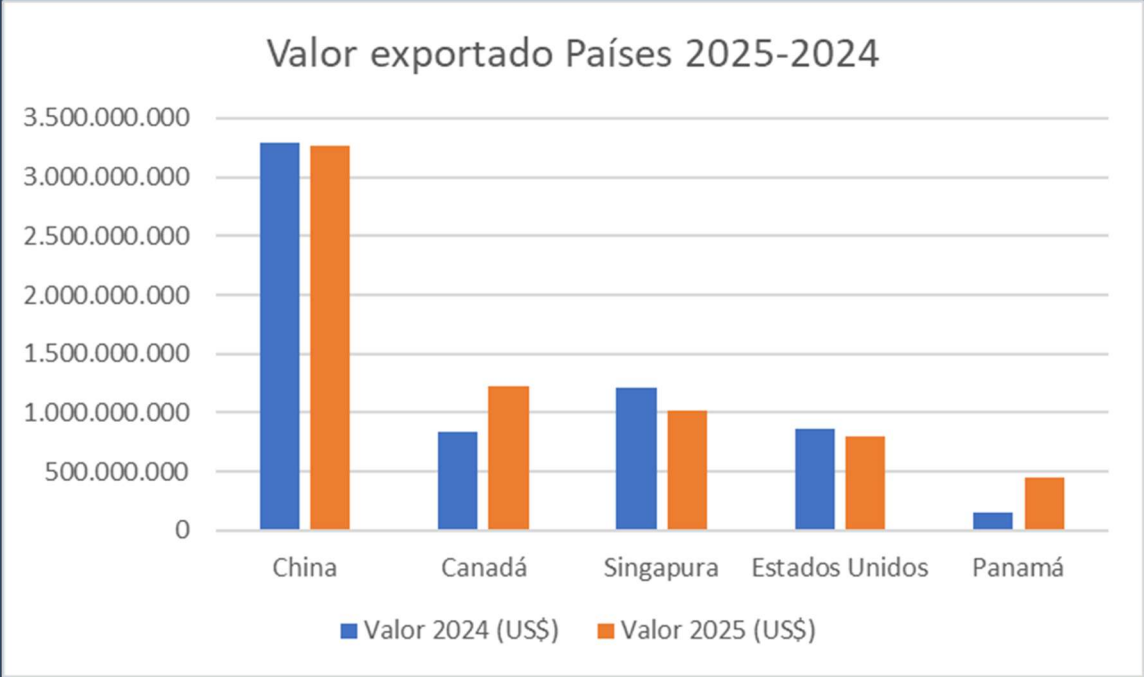
A comparação entre os resultados anuais de 2025 e 2024 revela uma Bahia resiliente perante as variações de preços e as tensões geopolíticas globais. A China, que lidera a pauta baiana há mais de uma década, fechou o ano de 2025 com um faturamento de 2,87 mil milhões de dólares, o que representa uma retração de 5,4% face aos 3,04 mil milhões registados em 2024. Contudo, o volume exportado para o mercado chinês seguiu uma trajetória oposta, alcançando 6,55 mil milhões de quilogramas, um aumento de 1,1%. Este descompasso é o reflexo direto da queda dos preços internacionais da soja; apesar de a Bahia ter enviado mais carga física, a receita foi prejudicada pela desvalorização da commodity, tendo o setor mineral e o algodão funcionando como amortecedores para evitar uma perda financeira ainda maior no complexo chinês.

Por outro lado, o Canadá consolidou-se como o segundo maior destino em valor, saltando de 785,3 milhões de dólares em 2024 para 1,11 mil milhões em 2025, o que configura um crescimento expressivo de 41,9%. O que chama a atenção nesta parceria é que o avanço não dependeu de um aumento no volume bruto, que se manteve estabilizado em torno de 18,2 milhões de quilogramas. O faturamento recorde deve-se inteiramente à valorização do ouro extraído em Jacobina e Santaluz, que serviu como ativo de refúgio durante a guerra tarifária, elevando a receita baiana mesmo sem a necessidade de aumentar a extração física.

Em contraste, os Estados Unidos sentiram o impacto direto das barreiras comerciais impostas pela administração Trump. O valor exportado para o mercado americano recuou de 1,12 mil milhões de dólares para 850,3 milhões, uma queda de 24,1%. Esta retração foi acompanhada por uma redução significativa no volume, evidenciando a perda de competitividade de produtos de maior valor agregado, como químicos e derivados de cacau, que ficaram fora da lista de isenções tarifárias e sofreram com a redução da demanda diante do encarecimento dos preços no destino final.

No setor de logística de combustíveis, Singapura manteve-se como o principal hub do petróleo baiano, faturando 1,05 mil milhões de dólares em 2025 contra 1,15 mil milhões no ano anterior, uma descida de 8,7%. Embora a receita tenha caído pela volatilidade do preço do barril, o volume físico aumentou 4,6%, atingindo 2,25 mil milhões de quilogramas. O Panamá acompanhou esta tendência como a grande surpresa logística, atingindo um faturamento de 441,2 milhões de dólares, um salto de 60,2% em relação aos 275,4 milhões de 2024. A Bahia

soube direcionar estrategicamente o óleo combustível produzido em São Francisco do Conde para estes centros de distribuição, garantindo que o volume não ficasse estocado apesar das incertezas tarifárias noutros portos.



Fonte: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. **Comex Stat**.

Elaboração Própria.



Fonte: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. **Comex Stat**.

Elaboração Própria.

1 TRIMESTRE DE 2026-2025

Balança Comercial Bahia-Brasil:

No 1º trimestre de 2026, a Bahia manteve a 9ª posição nacional tanto em exportações (+6,23%) quanto em importações (+9,9%). O estado registrou um superávit de U\$176.450 em valor e U\$555.404 em volume, acompanhando o desempenho positivo do Brasil, que fechou o período com saldo de U\$14,1 bilhões.



Exportações :

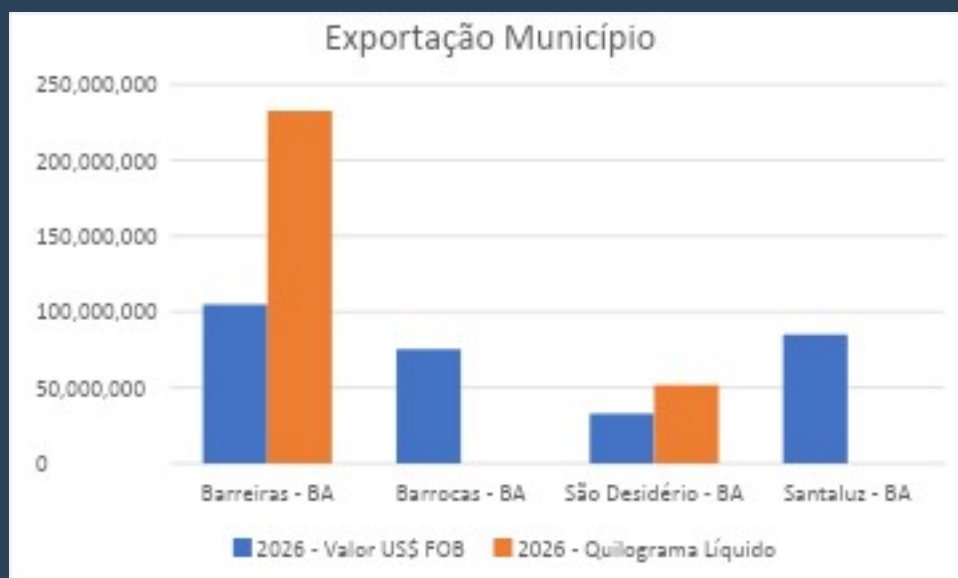
A base exportadora cresceu com a inclusão de 8 novos municípios. O "Top 4" (responsável por 55,4% do valor total) é composto por: São Francisco do Conde, Luís Eduardo Magalhães, Jacobina e Camaçari. Mudança no Ranking: Jacobina subiu para a 3ª posição (+47,9% em valor), superando Camaçari e Mucuri, que registraram quedas acentuadas em valor e volume; São Francisco do Conde, destaque positivo único no Top 4 (+17,1% em valor), impulsionado pelo óleo refinado para mercados como Panamá e China.

Além dos Destaques Regionais: Jacobina, Barrocas e Santaluz: Beneficiados pela valorização do ouro; Barreiras e São Desidério retomada forte da soja e algodão para a China; Luís Eduardo Magalhães com queda sazonal (-9,9% em valor) devido ao intervalo entre safras.



Fonte: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. **Comex Stat.**

Elaboração Própria.



Fonte: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. **Comex Stat.**

Elaboração Própria.

Principais Produtos Exportados:

Petróleo e Derivados, apesar de fortes quedas no volume embarcado (chegando a -84,6% em março devido ao fechamento do Estreito de Ormuz e novas taxações), o setor fechou o trimestre com alta de 17,2% em valor. O resultado foi impulsionado pelo salto no preço do barril (de US\$64,50 para US\$102,86) e pela abertura de novos mercados como Panamá e Colômbia.

O Ouro, consolidou-se como ativo de refúgio. O valor exportado saltou 72%, ancorado na valorização internacional do metal, que passou de US\$3.086 para US\$4.670 a onça troy.

Setor Agropecuário, enfrentou desafios severos com a alta dos custos de produção (diesel e fertilizantes) e retração da demanda global. Após um recuo de 30,2% em janeiro, o setor sinalizou estabilidade em março.

Na mineração, além do ouro, o cobre em Jaguarari registrou aumento de 38,42% em valor, contribuindo para que a Bahia iniciou-se em 2026 produzindo 28,6% a mais em minérios do que no ano anterior.



Fonte: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. **Comex Stat.**

Elaboração Própria.

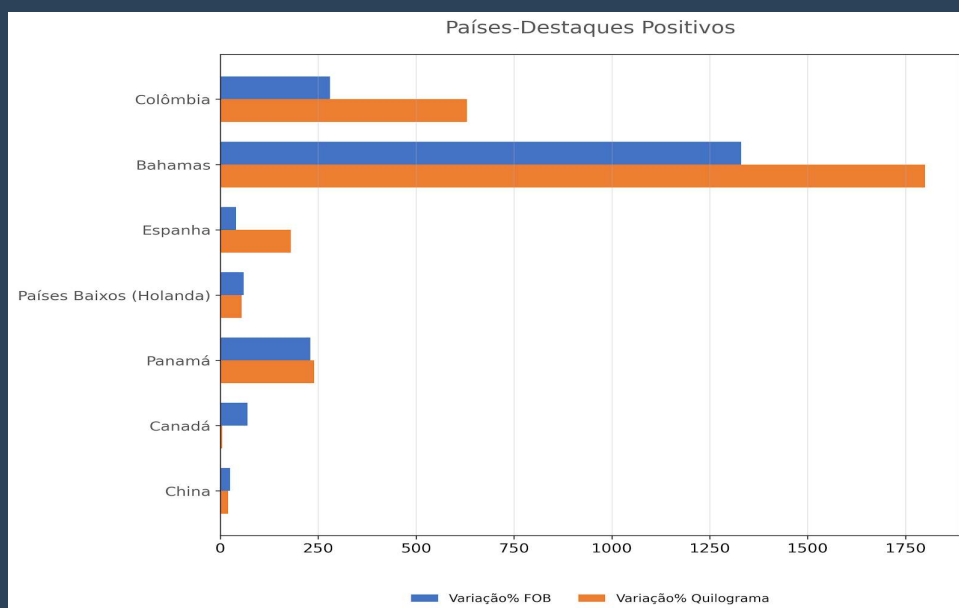


Fonte: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. **Comex Stat**.

Elaboração Própria.

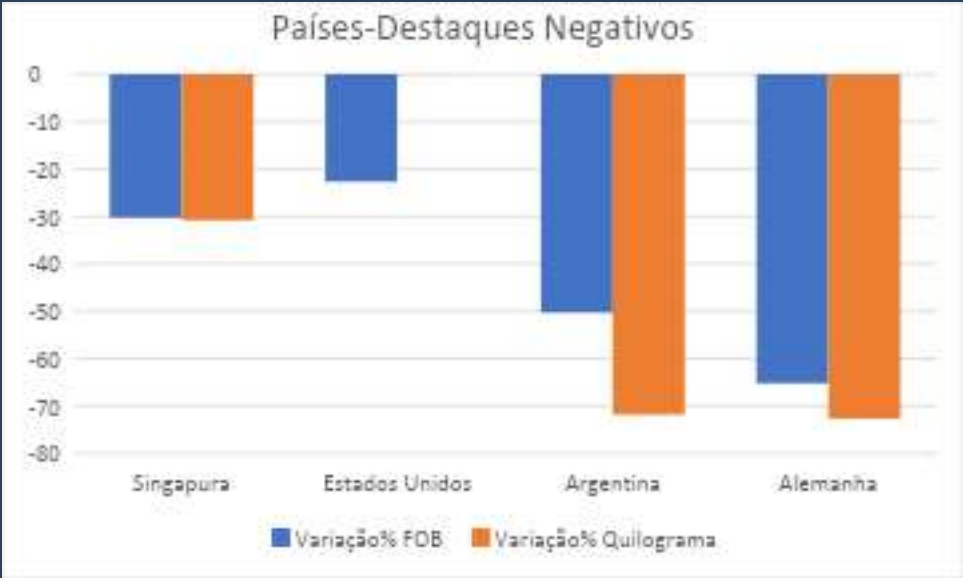
Países e blocos econômicos:

A China permanece como o principal parceiro comercial (+25% em valor), diversificando suas compras com minério de cobre e algodão. O Panamá foi a maior surpresa, saltando da 11ª para a 4ª posição como destino. Houve crescimento expressivo nas exportações para o Canadá, Países Baixos, Espanha, Bahamas e Colômbia. No entanto, mercados tradicionais como Singapura, Estados Unidos, Argentina e Alemanha apresentaram retrações significativas. Geograficamente, a Bahia avançou em blocos como a Comunidade Andina (+130%) e América Central, mas enfrentou tendências negativas no Mercosul, Ásia e Europa, refletindo a volatilidade e as tensões geopolíticas globais.



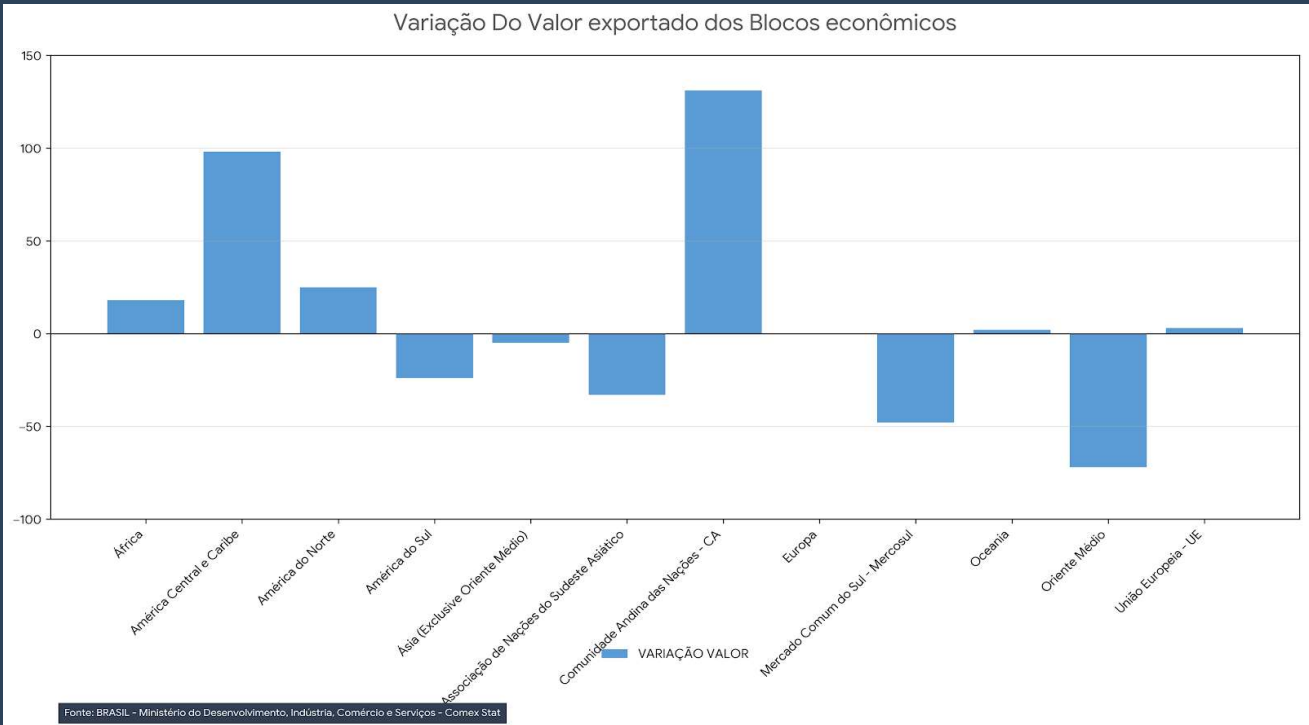
Fonte: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. **Comex Stat**.

Elaboração Própria.



Fonte: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. **Comex Stat**.

Elaboração Própria.



Fonte: BRASIL - Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços - Comex Stat

Fonte: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. **Comex Stat**.

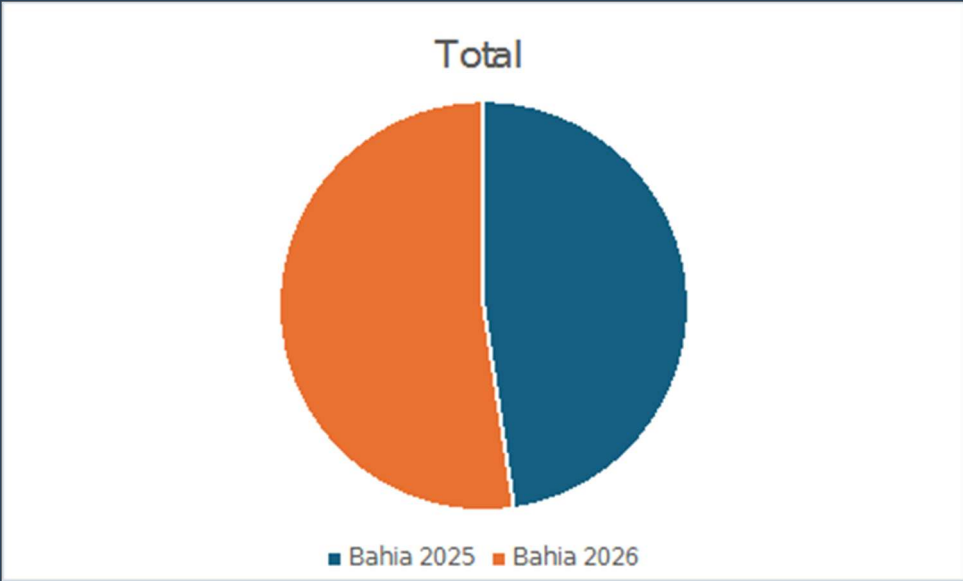
Elaboração Própria.

Importações :

Analizando as importações realizadas pela Bahia comparativamente entre 2025/2026, é possível constatar um crescimento das importações de 9,9%. Fatores como o crescimento da atividade econômica, que impulsiona a importação de bens de capital, tecnologia e insumos, alinhados à dependência de insumos importados, como fertilizantes (quase todos importados no Brasil), combustíveis e derivados de petróleo, produtos químicos e petroquímicos e máquinas e equipamentos industriais, impulsionaram o resultado.

No primeiro trimestre de 2026, as importações seguiram o ca

minho oposto às exportações e



Produtos 2025 – 2026:

Entre os 10 principais produtos importados pelo estado, óleos brutos de petróleo ficaram em primeiro lugar, representando, dentre os principais produtos, cerca de 31%. As refinarias baianas demandam do mercado, tanto nacional quanto internacional, petróleo bruto como insumo básico de sua produção; todavia, nem todo tipo de petróleo produzido no Brasil é adequado ao tipo de refino feito no estado. Como resultado, é necessário importar petróleo específico para otimizar a produção.

Outro fator de extrema relevância é a estratégia de mercado adotada pelas refinarias, pois essas empresas importam petróleo quando está mais barato no mercado internacional ou quando há vantagem em processar certos tipos de óleo, sendo esse um processo típico de refinarias privadas, como é o caso da Acelen, já que têm maior foco em eficiência e lucro.

Entretanto, o efeito do preço internacional foi um fator extremamente importante na conjuntura trimestral do petróleo na Bahia, já que o petróleo é cotado em dólar e qualquer alta no preço internacional aumenta o total importado.

Em relação ao primeiro trimestre de 2025 houve um aumento tanto no valor quanto na quantidade.

O segundo principal produto importado foram as naftas, que são a principal matéria-prima para produzir eteno, propeno, plásticos (polietileno, PVC), resinas e diversos químicos, concentrados no polo petroquímico de Camaçari.

Um ponto que precisa ser ressaltado é a dependência estrutural de importação de naftas, uma vez que o Brasil produz nafta, mas não em quantidade ou tipo suficiente para atender toda a demanda industrial. Empresas como a Braskem, que operam no polo, dependem diretamente desse insumo e o importam dos Estados Unidos.

Todavia houve uma queda na quantidade importada e no valor importado.

Todavia, o destaque ficou para a explosão nas importações de bens de consumo, especialmente de veículos chineses, que saltaram mais de 1200%, refletindo um movimento do mercado de se preparar para a retomada gradual das tarifas de importação para veículos eletrificados.

A Bahia, especialmente o sul do estado (Ilhéus/Itabuna), é historicamente um dos maiores polos de cacau do Brasil, mas há um problema: a produção não acompanha a demanda da indústria. Fatores como a queda histórica após a praga “vassoura-de-bruxa”, produtividade relativamente baixa e limitações tecnológicas em parte dos produtores contribuem para isso. Com isso, torna-se necessário importar cacau para abastecer a indústria.

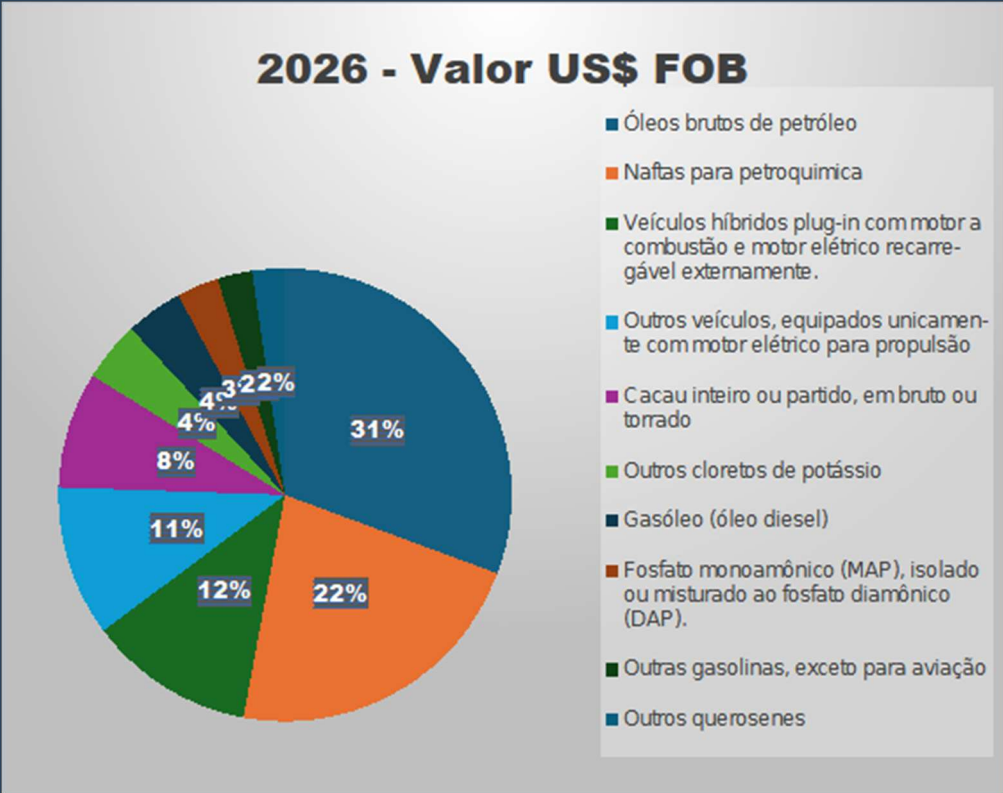
O insumo “outros cloretos de potássio” é um dos pilares da adubação, portanto é fundamental para culturas como soja, milho, algodão e frutas. Na Bahia, esse fator se tornou essencial por conta da expansão da fronteira agrícola,

especialmente no oeste do estado. Um fato importante a se sinalizar é que o Brasil importa cerca de 85% a 95% do potássio que consome, por motivos como baixa produção interna e reservas pouco exploradas ou economicamente difíceis. Em relação ao mesmo período de 2025, houve uma queda tanto no valor quanto na quantidade.

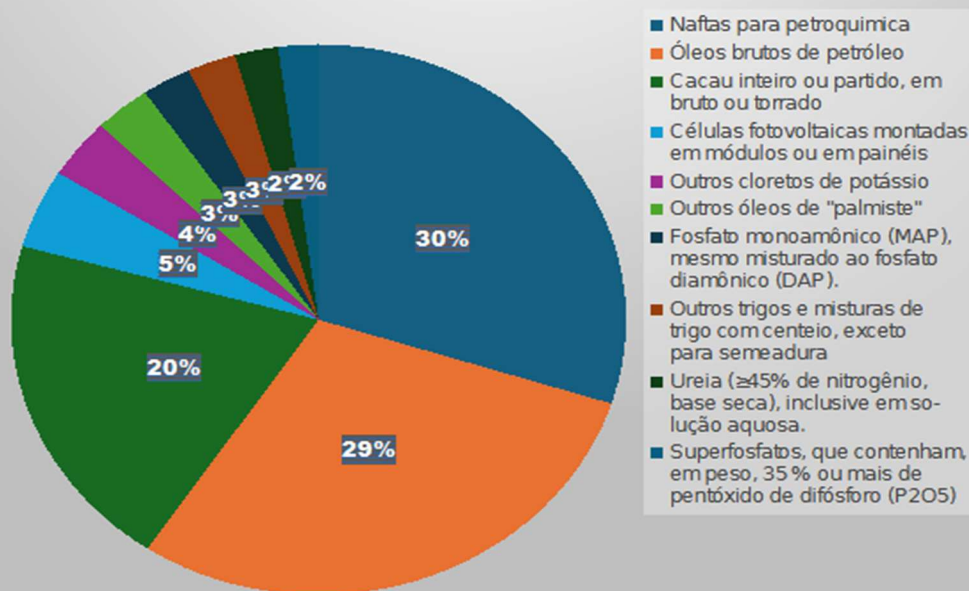
O diesel é o principal combustível do país e, no último trimestre, por fatores relacionados à produção interna insuficiente, pois, mesmo com produção de petróleo, o Brasil não produz diesel de forma suficiente para atender toda a demanda, refinarias com limitações técnicas, foco histórico em gasolina e crescimento mais rápido que a capacidade de refino pode explicar o fato.

O fosfato monoamônico é um insumo central da fertilização e sua importação está diretamente relacionada à expansão da fronteira agrícola da Bahia.

O nono produto mais importado do estado é a gasolina, que, mesmo sendo o país produtor de petróleo, enfrenta gargalos no refino, o que resulta na necessidade de importação por parte do estado.



2025 - Valor US\$ FOB



Por países:

Com relação aos países, a Bahia importa da China principalmente máquinas e equipamentos industriais, equipamentos eletrônicos e telecomunicações, produtos manufaturados diversos, insumos industriais (químicos, peças).

Dos Estados Unidos: óleos combustíveis e derivados de petróleo, medicamentos e produtos farmacêuticos, máquinas e equipamentos e produtos químicos.

Gabão: petróleo bruto e óleos minerais.

Costa do Marfim: cacau e derivados, produtos agrícolas e matérias-primas vegetais.

Gana: cacau, produtos agrícolas e óleos vegetais.

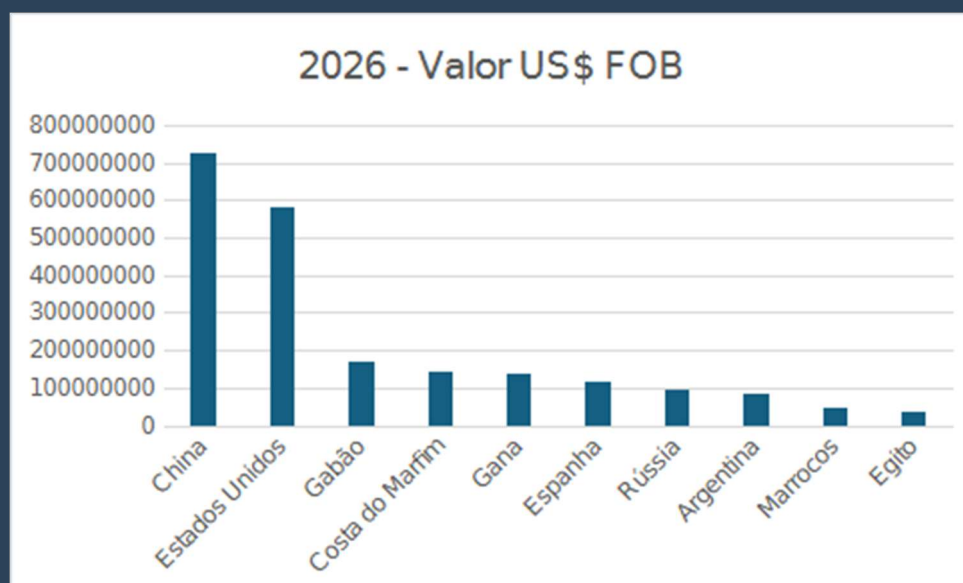
Espanha: derivados de petróleo, produtos químicos e máquinas industriais.

Rússia: fertilizantes (principal), naftas e derivados de petróleo e carvão mineral.

Argentina: veículos automotores, autopeças e trigo (em alguns períodos).

Marrocos: fertilizantes (fosfatos).

Egito: fertilizantes, produtos químicos e alguns derivados de petróleo.



Por bloco econômico:

Ásia (Exclusive Oriente Médio) – 33%

Predominam bens industriais: máquinas e equipamentos industriais, eletrônicos e telecomunicações, além de insumos industriais (produtos químicos e peças).

América do Norte – 23%

Destaque para óleos combustíveis e derivados de petróleo, medicamentos e produtos farmacêuticos, máquinas e equipamentos e produtos químicos.

África – 22%

Principalmente petróleo bruto e óleos minerais (como de Gabão), além de cacau e derivados (Costa do Marfim e Gana) e fertilizantes (Marrocos e Egito).

Europa – 13%

Importação de derivados de petróleo, produtos químicos e máquinas industriais.

América do Sul – 6%

Veículos automotores, autopeças e trigo (com destaque para a Argentina).

Oriente Médio – ~1%

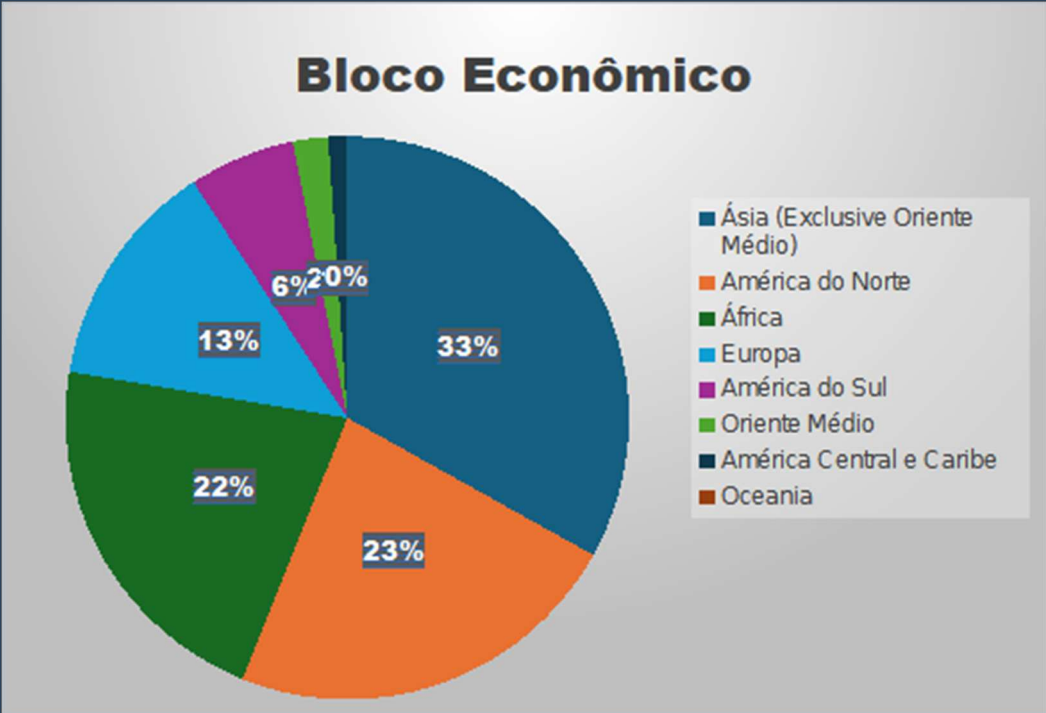
Óleos minerais e derivados de petróleo (participação pequena, mas relevante em energia).

América Central e Caribe – ~0%

Participação muito reduzida, geralmente ligada a alguns derivados de petróleo ou insumos específicos.

Oceania – ~0%

Participação praticamente nula, com eventuais produtos primários ou insumos.



Referências:

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços do Brasil. **Comex Stat: estatísticas de comércio exterior**. Brasília, DF, [s.d.]. Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br>. Acesso em: 1 maio 2026.

BAHIA. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Boletim de comércio exterior da Bahia: março de 2026**. Salvador: SEI, 2026. Disponível em: https://www.ba.gov.br/sei/sites/site-sei/files/2026-04/bce_mar_26.pdf. Acesso em: 1 maio 2026.

BAHIA. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Exportações baianas têm queda de 20% em março**. Salvador, 2026. Disponível em: <https://www.ba.gov.br/sei/noticias/2026-04/4664/exportacoes-baianas-tem-queda-de-20-em-marco>. Acesso em: 1 maio 2026.

INDÚSTRIA NEWS. **Bahia sente o peso do cenário global e exportações recuam 20% em março**. 2026. Disponível em: <https://www.industrianews.com.br/2026/04/bahia-sente-o-peso-do-cenario-global-e-exportacoes-recuam-20-em-marco/>. Acesso em: 1 maio 2026.

BRASIL. Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis. **Anuário estatístico brasileiro do petróleo, gás natural e biocombustíveis**. Rio de Janeiro: ANP, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/anp>. Acesso em: 1 maio 2026.

BRASIL. Empresa de Pesquisa Energética. **Balanço energético nacional**. Rio de Janeiro: EPE, [s.d.]. Disponível em: <https://www.epe.gov.br>. Acesso em: 1 maio 2026.

Petrobras. **Relatório de sustentabilidade e relatórios anuais**. Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <https://www.petrobras.com.br>. Acesso em: 1 maio 2026.

Associação Nacional para Difusão de Adubos. **Anuário estatístico do setor de fertilizantes**. São Paulo: ANDA, [s.d.]. Disponível em: <https://anda.org.br>. Acesso em: 1 maio 2026.

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Publicações técnicas sobre fertilidade do solo e uso de fertilizantes**. Brasília, DF: Embrapa, [s.d.]. Disponível em: <https://www.embrapa.br>. Acesso em: 1 maio 2026.

Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura. **Fertilizer market reports**. Roma: FAO, [s.d.]. Disponível em: <https://www.fao.org>. Acesso em: 1 maio 2026.

Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira. **Relatórios e dados da cacauicultura brasileira**. Ilhéus: CEPLAC, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura>. Acesso em: 1 maio 2026.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produção agrícola municipal (PAM)**. Rio de Janeiro: IBGE, [s.d.]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 1 maio 2026.

International Cocoa Organization. **Quarterly bulletin of cocoa statistics**. Londres, [s.d.]. Disponível em: <https://www.icco.org>. Acesso em: 1 maio 2026.

Furtado, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

Prebisch, Raúl. **O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus principais problemas**. In: BIELSCHOWSKY, Ricardo (org.). *Cinquenta anos de pensamento na CEPAL*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Santos, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2006.

MERCADO DE TRABALHO

Apesar de um cenário marcado por desaceleração da atividade econômica e condições financeiras mais restritivas, o mercado de trabalho baiano apresentou melhora relevante entre 2024 e 2025, com aumento da ocupação e redução do desemprego. No entanto, essa evolução ocorreu de forma heterogênea, evidenciando a persistência de fragilidades estruturais, especialmente no que se refere à qualidade das ocupações.

A economia baiana apresenta transformações importantes em sua estrutura produtiva e no comportamento do mercado de trabalho. Nesse contexto, a análise de dados recentes se torna fundamental para compreender os rumos da atividade econômica no estado, especialmente em cenários de recuperação e ajustes após períodos de instabilidade.

O mercado de trabalho desempenha papel central no desenvolvimento econômico, ao refletir o nível de atividade, a geração de renda e o dinamismo dos setores. Na Bahia, marcada por heterogeneidades regionais, setoriais e sociais, a análise desse mercado permite identificar padrões de crescimento e desequilíbrios, a fim de possibilitar criação de políticas públicas eficazes de redução de desigualdade.

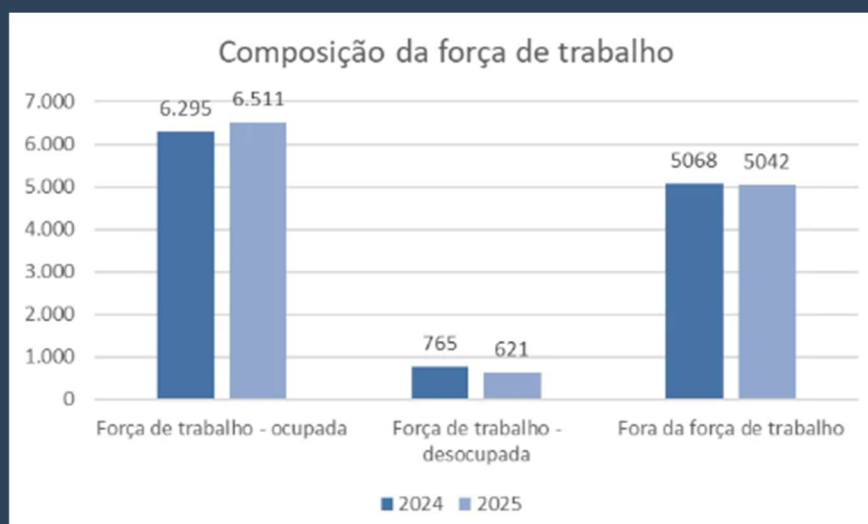
A partir de informações obtidas no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), este texto tem como objetivo analisar a evolução do mercado de trabalho, com foco na comparação entre o ano de 2024 e o ano de 2025.

Dessa forma, serão apresentados os principais dados relacionados à dinâmica do trabalho na Bahia, buscando evidenciar padrões relevantes e interpretar o comportamento da economia baiana no período.

- Força de Trabalho

De acordo com o IBGE, a força de trabalho corresponde ao conjunto de pessoas que estão em idade ativa e que participam do mercado de trabalho, seja estando ocupadas ou desocupadas. Em outras palavras, trata-se da soma entre aqueles que estão empregados e aqueles que, mesmo não trabalhando, encontram-se em busca de emprego.

Nesse sentido, a comparação entre os períodos propostos revela mudanças no mercado de trabalho baiano.



A comparação entre 2024 e 2025 revela uma melhora nas condições do mercado de trabalho, marcada pelo aumento da ocupação e redução do desemprego. Observa-se um aumento de aproximadamente 3,4% na força de trabalho ocupada, que passou de 6.295 mil para 6.511 mil pessoas, ao mesmo tempo em que o contingente desocupado apresenta uma queda expressiva de cerca de 18,8%, reduzindo-se de 765 mil para 621 mil indivíduos desempregados. Esse movimento reforça o cenário de melhora observado, com expansão da ocupação e redução do contingente de desocupados.

Do ponto de vista econômico, a combinação entre aumento do emprego e queda do desemprego sinaliza um cenário de aquecimento do mercado de trabalho, possivelmente associado à expansão da atividade econômica em determinados setores. Esse tipo de dinâmica tende a gerar impactos positivos sobre a renda e o consumo, reforçando o ciclo de crescimento no curto prazo.

A melhora do mercado de trabalho não ocorreu apenas pela geração de empregos, mas também pela dinâmica da força de trabalho, com redução expressiva da desocupação. Apesar desse avanço, é importante avaliar se essa expansão da ocupação tem sido acompanhada por melhorias na qualidade dos vínculos de trabalho.

Trabalho Informal

Além da análise da ocupação e do desemprego, outro aspecto importante para compreender a qualidade do mercado de trabalho é a informalidade. A Bahia se destaca nesse quesito em relação a outros estados do Brasil. Esse problema não é só um fator econômico, mas sim um fator estrutural e histórico, advindo dos tempos mais primordiais.

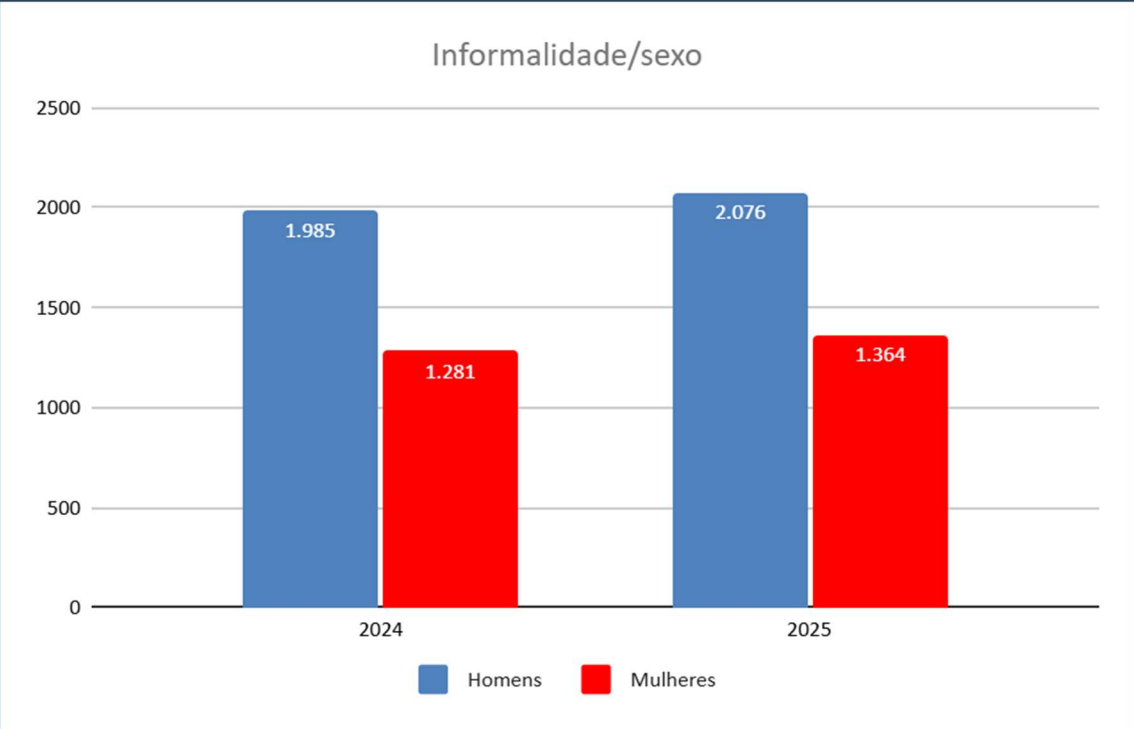
Apesar da melhora observada no mercado de trabalho, a informalidade permanece em patamar elevado na Bahia, evidenciando limitações estruturais na qualidade das ocupações geradas. Esse cenário sugere que parte relevante da expansão do emprego pode estar concentrada em vínculos mais precários, reduzindo os impactos positivos sobre estabilidade, renda e proteção social.

Adicionalmente, a dinâmica recente indica um movimento ambíguo: embora tenha havido avanço da formalização no curto prazo, conforme sugerem os dados conjunturais, a persistência de elevados níveis de informalidade no comparativo anual reforça a dificuldade de consolidação de um mercado de trabalho mais estruturado.

De acordo com o IBGE, a informalidade engloba trabalhadores que não possuem vínculos formais de trabalho, como empregados por carteira assinada, trabalhadores por conta própria não registrados, entre outros. Esse indicador é especialmente relevante, pois está associado a menores níveis de proteção social, maior instabilidade de renda e, em muitos casos, a piores condições de trabalho.

- Informalidade por Sexo

Quando analisada por sexo, a informalidade também revela diferenças relevantes, sugerindo que homens e mulheres enfrentam condições distintas de inserção no mercado de trabalho.

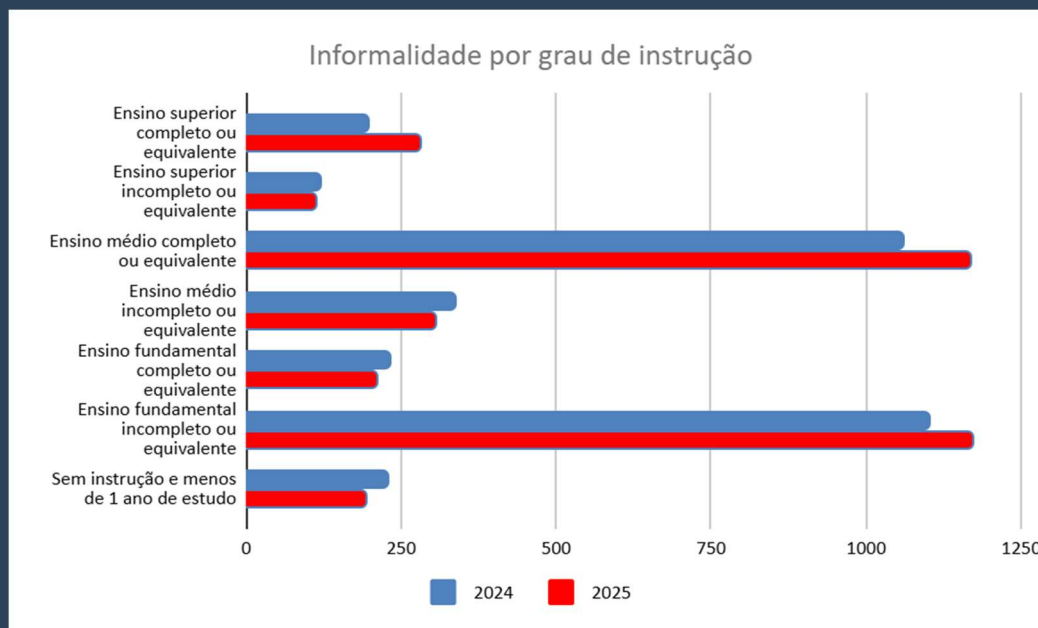


A análise da informalidade por sexo evidencia um crescimento no número de trabalhadores informais na Bahia entre o período analisado. Em termos de variação, observa-se um crescimento de 4,6% entre os homens e 6,5% entre as mulheres. Em termos absolutos, o contingente masculino passou de aproximadamente 1.985 mil para 2.076 mil trabalhadores informais, enquanto entre as mulheres o total variou de cerca de 1.281 mil para 1.364 mil.

Diante dos fatos, é possível inferir que, embora o mercado de trabalho esteja aquecido e tenha apresentado melhora em termos de ocupação, a qualidade desses vínculos empregatícios ainda representa um desafio relevante, uma vez que uma parcela significativa da população ainda se encontra em situação de informalidade.

É válido ressaltar que a informalidade entre as mulheres é muito superior à dos homens. Isso acontece muito em função de trabalhos domésticos, trabalho de cuidados, entre outros, que muita das vezes essas pessoas não assinam a carteira e, por motivos de necessidade financeira, são expostas à uma qualidade de trabalho inferior. Além disso, isso demonstra uma desigualdade de gênero marcante no mercado de trabalho, algo que reflete nas dinâmicas sociais do estado.

- INFORMALIDADE POR GRAU DE INSTRUÇÃO



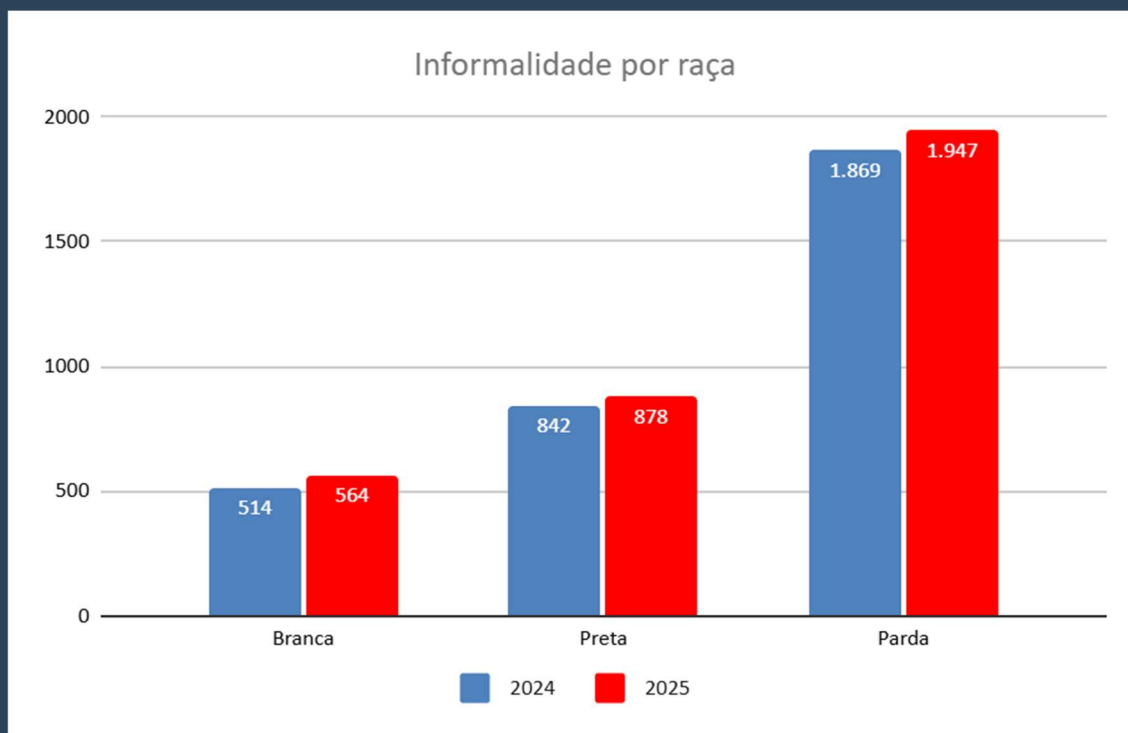
A análise da informalidade por grau de instrução revela diferenças entre os níveis de escolaridade na Bahia. Em termos absolutos, a maior concentração de trabalhadores informais se concentra entre os indivíduos de ensino médio completo, com 1.057 mil em 2024 e 1.166 mil em 2025, seguidos por aqueles com ensino fundamental incompleto, com 1.101 mil para 1.170 mil no mesmo período.

Em relação à variação, observa-se que houve uma redução na informalidade para aqueles que não têm instrução (-14,6%) e com ensino médio incompleto (-9,2%). Por outro lado, houve variação positiva para pessoas com ensino superior incompleto (-5%) e superior completo (+42,6%), além de alta entre os que possuem ensino médio completo (+10,3%).

Esse movimento sugere uma mudança no perfil da informalidade, indicando um possível desalinhamento entre o nível de qualificação da força de trabalho e a capacidade do mercado em absorvê-la em ocupações formais.

A elevação da informalidade entre indivíduos com maior nível de escolaridade aponta para um cenário em que o avanço educacional não tem sido plenamente acompanhado pela geração de empregos compatíveis, o que pode refletir limitações estruturais da economia baiana, especialmente em setores de maior produtividade.

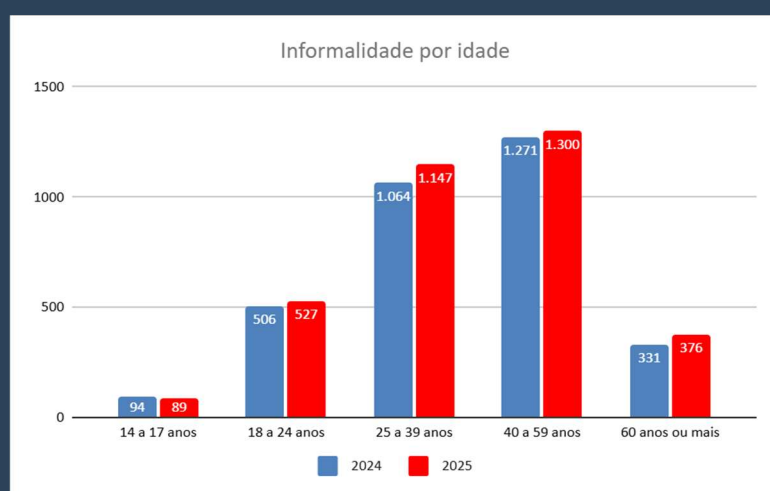
- INFORMALIDADE POR COR



Ao analisar os dados da informalidade por cor ou raça, indica que a maior concentração de trabalhadores informais está entre a população de cor parda, que, apesar da redução observada no período (-4,1%), passou de 1.869 mil em 2024 para 1.947 mil em 2025. Em seguida, destacam-se os trabalhadores pretos, cujo total de trabalhadores em situação de informalidade passou de 842 mil em 2024 para 878 mil em 2025, um aumento de 4,3%, e os brancos, que passaram de 514 mil para 564 mil, um aumento de 9,7%.

Esses resultados evidenciam a continuidade de desigualdades estruturais no mercado de trabalho, uma vez que a informalidade permanece concentrada em grupos que historicamente são mais vulneráveis, ao mesmo tempo em que cresce entre outros segmentos, reforçando a complexidade desse problema na Bahia.

- INFORMALIDADE POR IDADE



A análise da informalidade por idade revela que a maior parcela de trabalhadores informais está concentrada nos grupos de maior idade. Com maior montante, encontra-se o grupo de indivíduos de 40 a 59 anos, com 1.271 mil em 2024 e 1.300 mil em 2025 (+2,3%), seguidos pela faixa de 25 a 39 anos, com 1.064 mil em 2024 e 1.147 mil em 2025 (+7,8%).

Com os menores montantes, encontra-se o grupo de indivíduos de 14 a 17 anos, com 94 mil em 2024 e 89 mil em 2025 (-5,3%), e de 18 a 24 anos, que passou de 506 mil em 2024 para 527 mil em 2025 (+4,2%).

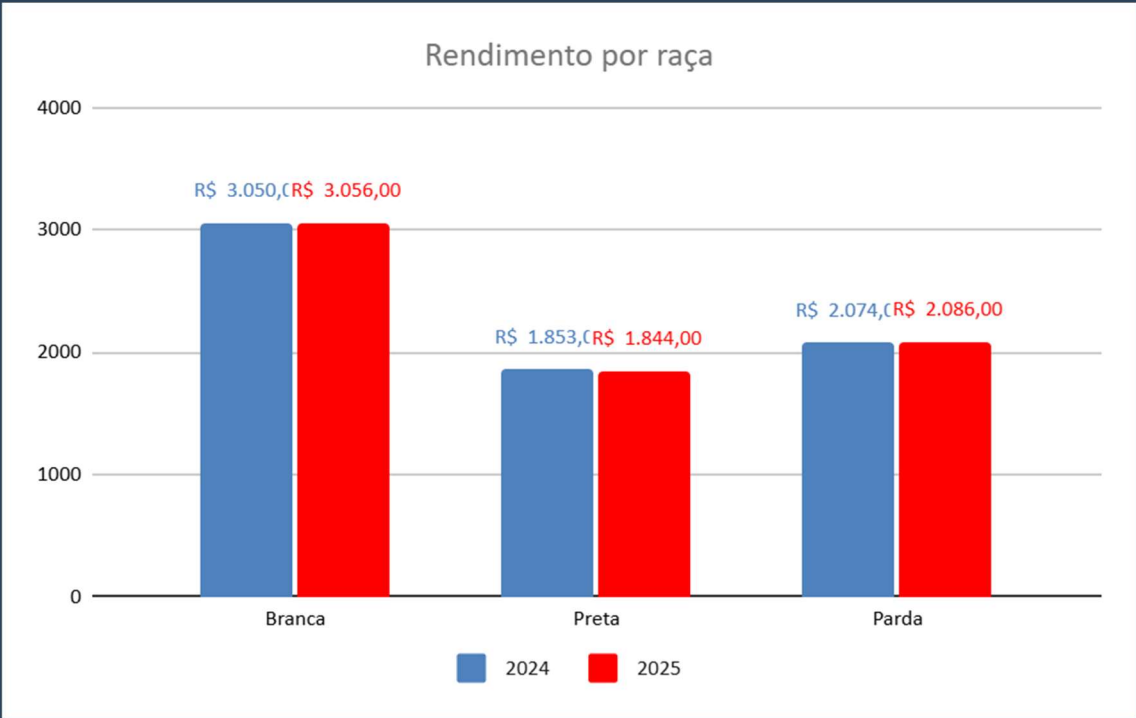
Esses dados revelam uma redução relativa entre os mais jovens e aumento entre os mais idosos. Esse movimento pode estar associado à maior dificuldade de reinserção formal no mercado de trabalho por parte dos indivíduos de maior idade, além da mudança constante do mercado por meio das tecnologias e Inteligência Artificial (IA). Isso permite a permanência desses trabalhadores em trabalhos informais como alternativa de geração de renda.

- **Rendimentos**

A análise dos rendimentos do trabalho é fundamental para compreender a qualidade do mercado de trabalho, uma vez que reflete diretamente o nível de renda gerado pelas ocupações e o grau de dinamismo da economia. No caso baiano, a evolução recente dos rendimentos deve ser interpretada diante do contexto de expansão da ocupação e redução do desemprego, observados entre 2024 e 2025.

Nesse sentido, o aumento dos rendimentos, junto ao crescimento do número de ocupados, contribui para a elevação da massa de renda na economia, reforçando o consumo das famílias e sustentando a atividade econômica no curto prazo. Por outro lado, a análise dos rendimentos também permite identificar a persistência de desigualdades entre diferentes grupos da população, evidenciando que os avanços observados não se distribuem de forma homogênea.

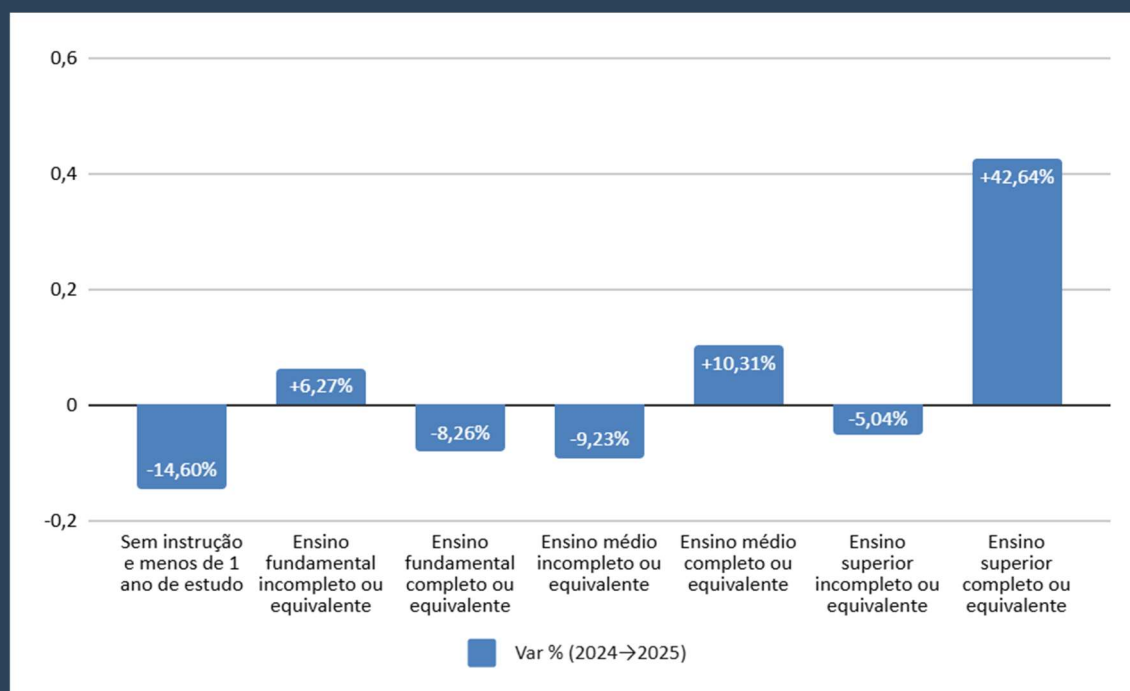
- **RENDIMENTO POR COR**



A análise dos rendimentos por cor ou raça evidencia diferenças importantes no mercado de trabalho. Em 2025, o rendimento médio de pessoas brancas é R\$3.056 (+0,2%), R\$2.086 (+0,6%) para pardos e R\$1.844 (-0,5%) para pretos. Apesar desse avanço mais intenso entre os grupos de menor rendimento, a diferença entre eles permanece significativa.

Esses resultados indicam que, embora haja melhora geral nos rendimentos, as desigualdades persistem, com os trabalhadores brancos mantendo níveis de renda muito superiores aos pardos e pretos, evidenciando a precariedade dos serviços que as populações de baixa renda enfrentam. Isso evidencia a continuidade das desigualdades estruturais marcadas em nossa economia, mesmo em contexto de crescimento econômico.

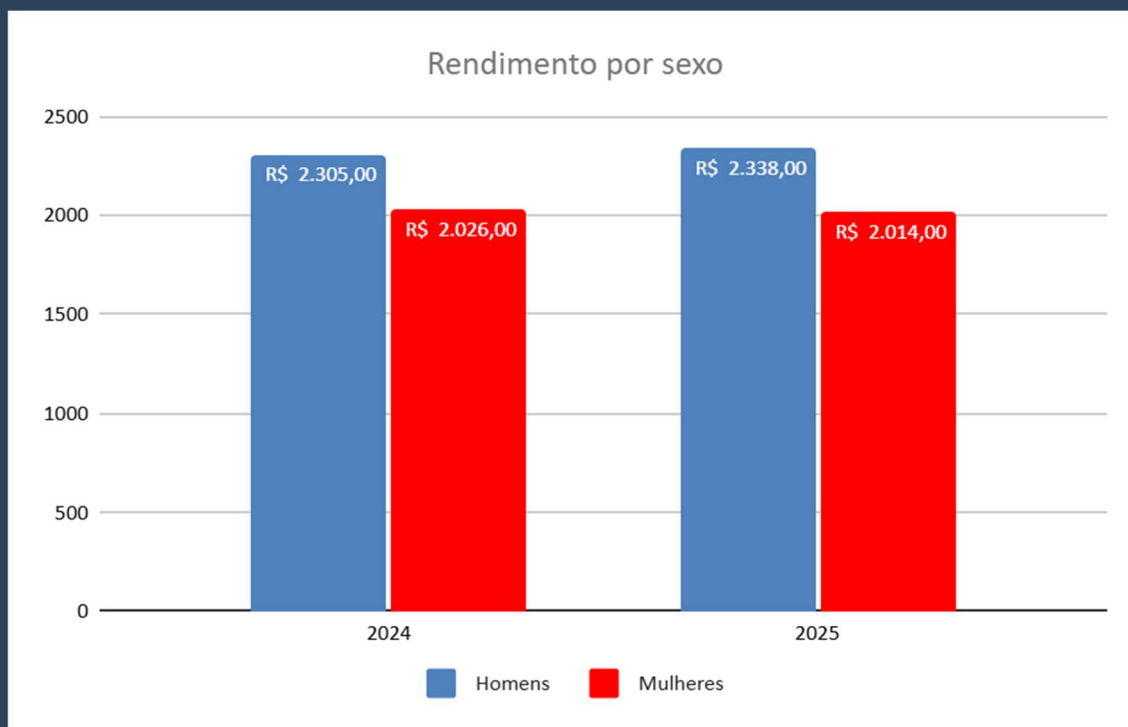
- VARIAÇÃO POR GRAU DE INSTRUÇÃO



A análise dos rendimentos por grau de instrução evidencia a relação direta entre a escolaridade e o nível de renda no mercado de trabalho baiano. Em termos absolutos, os maiores rendimentos estão concentrados entre os trabalhadores que possuem ensino superior completo, com aproximadamente R\$4.654 (-5,3%, uma leve redução em relação a 2024). Em seguida, destacam-se os indivíduos que possuem ensino superior incompleto, com rendimento médio de R\$2.408 (+10,1% em relação a 2024), e aqueles que possuem ensino médio completo, com aproximadamente R\$1.901 (+0,2% em relação a 2024).

Em relação aos indivíduos de baixa escolarização, observa-se que quem possui ensino fundamental incompleto e ensino fundamental completo, com renda média de R\$1.290 (+1,6%) e R\$1.565 (-10,5%) respectivamente, aparecem com os menores rendimentos médios. Isso concretiza o baixo rendimento que a população com menos educação tem e reafirma a importância que a escolarização e ensino de qualidade têm no bem-estar da população.

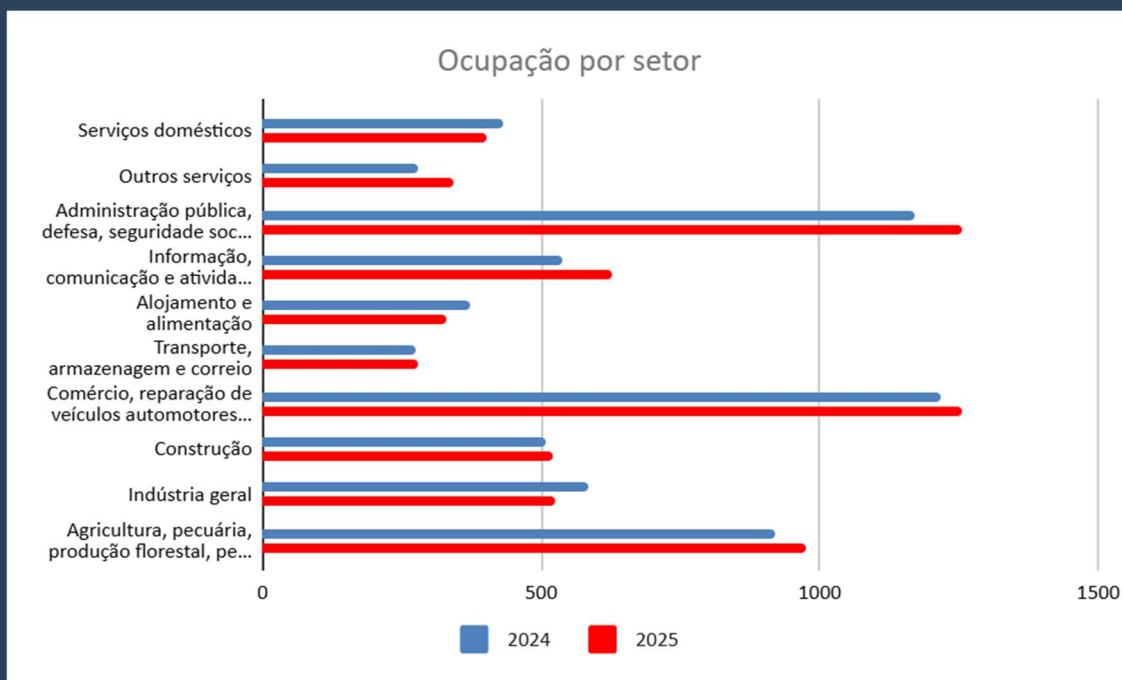
- RENDIMENTOS POR SEXO



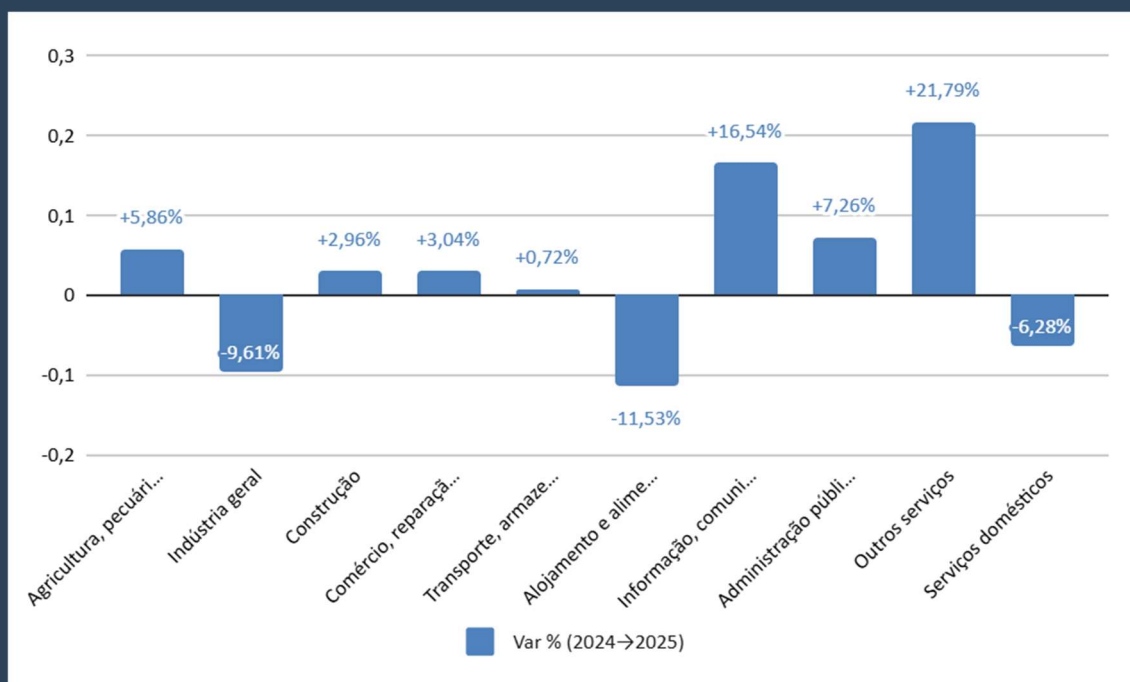
A análise dos rendimentos por sexo evidencia a persistência de diferenças no mercado de trabalho. Em 2025, os homens recebiam em média R\$ 2.338 (+1,4%) e as mulheres R\$ 2.014 (-0,6%), uma diferença de 16,1% a favor dos homens. Apesar da leve melhora no rendimento masculino, a diferença entre os grupos permaneceu significativa ao longo do período analisado.

Esses resultados indicam que, embora houve avanço no rendimento geral, as desigualdades entre homens e mulheres continuam presentes, refletindo diferenças estruturais na inserção e remuneração no mercado de trabalho.

- EMPREGO POR SETOR



A análise do desempenho setorial evidencia diferenças importantes na dinâmica do emprego de trabalho baiano entre 2024 e 2025. Observa-se crescimento em alguns segmentos, com destaque para o setor público e serviços sociais, que apresentou uma expansão de 7,3% (+85 mil pessoas), seguido pela área de informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas, com aumento de 16,5% (+89 mil), e pelo setor de transporte e armazenagem, com variação positiva de 0,7% (+2 mil), além de alta na agropecuária (+5,9%) e no comércio (+3%).

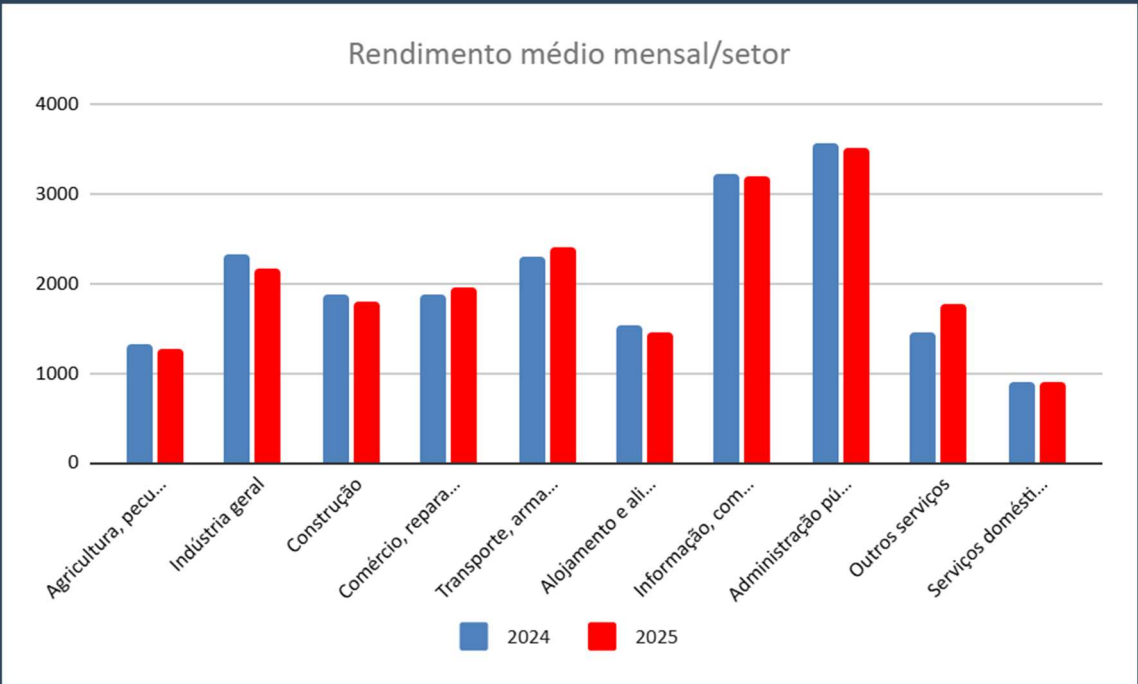


Por outro lado, alguns setores apresentaram retração no período analisado. Destacam-se quedas nos serviços domésticos (-6,3%), no alojamento e alimentação (-11,5%) e na indústria geral (-9,6%). Esses resultados indicam que mesmo com o aumento do emprego de forma geral e recuperação dos setores, esse aumento não ocorreu de forma homogênea entre os diferentes setores.

De forma geral, observa-se um maior dinamismo nos setores ligados aos serviços, especialmente aqueles associados ao setor público e às atividades mais qualificadas, reforçando um padrão típico de economias em processo de recuperação,

no qual a geração de empregos se concentra em atividades de menor produtividade e maior flexibilidade, enquanto segmentos mais sensíveis ao ciclo econômico, como construção e alguns serviços tradicionais, apresentaram desempenho mais fraco, indicando menor dinamismo do investimento, refletindo um ambiente de incertezas e condições financeiras restritas. Esse padrão reforça o papel do setor de serviços como principal motor da geração de ocupação na economia baiana no período recente.

- RENDIMENTO POR SETOR



A análise dos rendimentos por setor evidencia um padrão claro de desigualdade na economia baiana. Os maiores rendimentos continuam concentrados no setor público e serviços sociais, que passaram de R\$ 3.570 em 2024 para R\$ 3.502 em 2025 (-1,9%), enquanto os menores permanecem nos serviços domésticos, com valores que, apesar do leve aumento de R\$ 901 para R\$ 910 (+1%), seguem bastante reduzidos. Esse contraste mostra como diferentes setores oferecem oportunidades muito distintas em termos de geração de renda.

Entre as variações mais relevantes, destacam-se os aumentos expressivos em outros serviços (+22,8%) e no comércio (+4,7%), indicando maior dinamismo em algumas atividades. Por outro lado, setores como alojamento e alimentação (-3,6%) e indústria geral (-6,9%) apresentaram queda nos rendimentos, evidenciando fragilidade em áreas mais sensíveis às condições econômicas.

De forma geral, os dados mostram que setores que exigem maior qualificação ou estão associados a maior produtividade tendem a oferecer melhores rendimentos, enquanto atividades com maior presença de informalidade e menor exigência de escolaridade, como os serviços domésticos, continuam concentrando baixos salários. Isso reforça a importância da educação e da ampliação de oportunidades em setores mais dinâmicos, já que a permanência de grande parte da população em ocupações de baixa renda contribui para a manutenção das desigualdades no mercado de trabalho.

Conclusão

De forma geral, o mercado de trabalho baiano apresentou melhora significativa entre 2024 e 2025, com aumento da ocupação e redução do desemprego, em um contexto de expansão da atividade econômica e geração de renda. No entanto,

essa evolução ocorreu de maneira desigual, com persistência de elevados níveis de informalidade e manutenção de disparidades entre diferentes grupos da população.

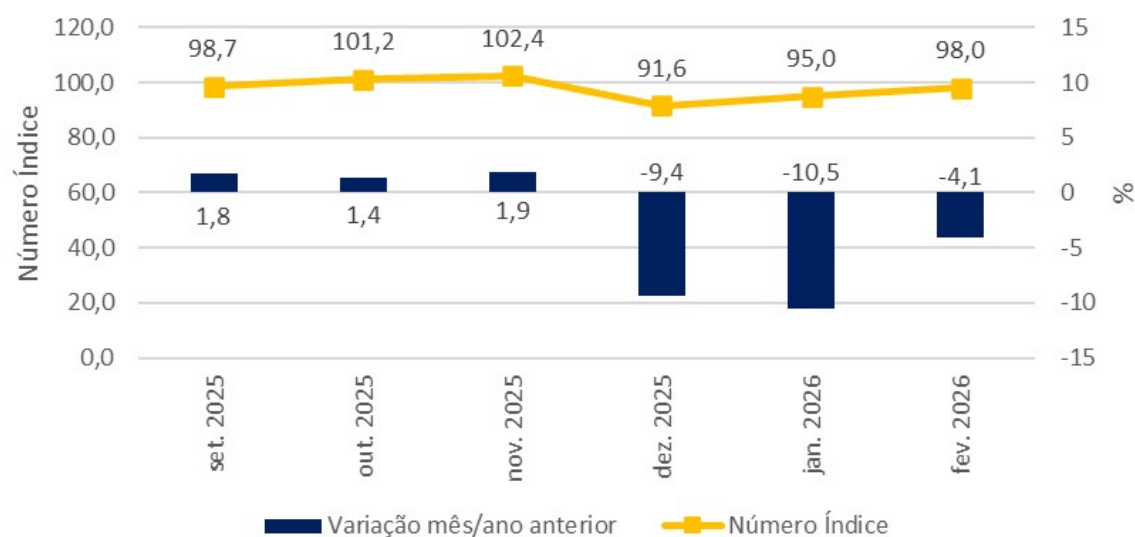
Embora o cenário seja positivo do ponto de vista quantitativo, permanecem desafios estruturais que limitam avanços mais consistentes na qualidade do emprego, na formalização e na redução das desigualdades sejam elas de raça e/ou de gênero. Ademais, os dados indicam que o ritmo de melhora do mercado de trabalho tende a se tornar mais moderado, refletindo um ambiente econômico ainda marcado por incertezas e condições menos favoráveis no curto prazo.

Conjuntura da Indústria Baiana

De acordo com a Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção industrial da Bahia, ajustada sazonalmente, registrou entre setembro e novembro de 2025 a elevação do número índice de 98,7 para 102,4, o que representou um crescimento de 3,75%, como revela o Gráfico 1. Neste período, as variações em relação ao mesmo mês do ano anterior foram consistentemente positivas (1,8%, 1,4%, 1,9%), indicando a produção física superior à de 2024. Em dezembro, houve uma variação negativa tanto em relação ao mês anterior (-10,5%), quanto em relação ao ano anterior (-9,4%). Nos meses de janeiro e fevereiro, a produção apresentou um crescimento positivo, de 3,7% e 3,2%, respectivamente, no entanto apresentou uma retração em comparação ao mesmo período de 2025, com variações de -10,5% em janeiro, fechando a série com -4,1% em fevereiro.

Gráfico 1:

Produção física da indústria geral - Bahia (Set. 2025-Fev.2026)



Fonte: IBGE

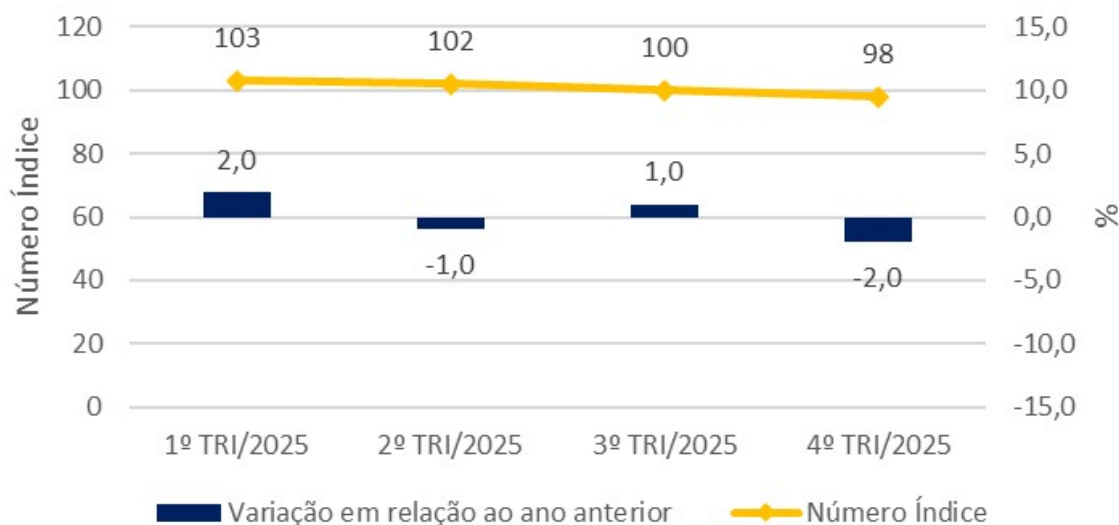
Elaboração própria

Nota: série do número índice com ajuste sazonal.

O desempenho da indústria ao longo do ano de 2025, evidenciado no Gráfico 2, revela uma trajetória de desaceleração gradual, com a expansão de 2% do setor no primeiro trimestre em relação ao ano anterior e número índice de 103. Apesar do crescimento positivo entre os meses de outubro e novembro, ilustrado no Gráfico 1, o quarto trimestre de 2025 apresentou a produção industrial mais baixa do ano, e uma queda de 2% em relação a 2024. Essa desaceleração ocorreu paralelamente ao cenário da produção industrial nacional, que registrou desaceleração para taxa de -0,5% no quarto trimestre. André Macedo, gerente da PIM, associa a perda de dinamismo à taxa de juros elevada, que drena a capacidade de aporte das empresas e o poder de compra das famílias para bens de maior valor agregado. Importante ressaltar, também, as incertezas crescentes no período, em especial, devido às medidas de protecionismo dos EUA.

Gráfico 2:

Produção física da indústria geral - Bahia (1º tri.2025 - 4º tri.2025)



Fonte: SEI

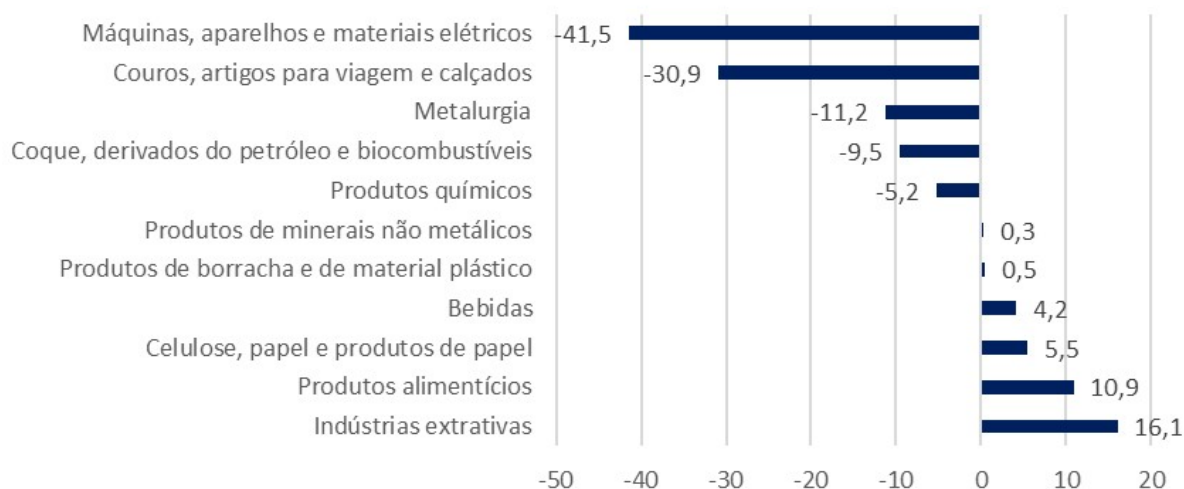
Elaboração própria

Nota: série do número índice com ajuste sazonal.

Na comparação de fevereiro de 2026 com o ano anterior, muitas atividades apresentaram uma queda em sua produção, como evidencia o Gráfico 3. Entre elas, o segmento de *Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis* apresentou a maior contribuição negativa, em razão do declínio da produção de diesel e gasolina (-9,5%). Outros segmentos que registraram redução na produção foram: *Máquinas, aparelhos e materiais elétricos* (-41,5%), *Couro, artigos para viagem e calçados* (-30,9%), *Produtos químicos* (-5,2%) e *Metalurgia* (-11,2%). O segmento de *Produtos alimentícios* (10,9%), registrou a principal contribuição positiva no mês, explicada pela maior fabricação de óleo refinado de soja e resíduos extração de soja. Outros segmentos que registraram aumento na produção foram as *Indústrias extrativas* (16,1%), *Celulose, papel e produtos de papel* (5,5%), *Bebidas* (4,2%), *Produtos de borracha e de material plástico* (0,5%) e *Produtos de minerais não metálicos* (0,3%).

Gráfico 3:

Produção por segmentos da indústria geral - Bahia - Fev.2026



Fonte: IBGE

Elaboração própria

Nota: Variação percentual do mês de fevereiro de 2026 em relação ao mesmo mês do ano anterior.

A Tabela 1 apresenta os números índices da produção dos setores industriais entre os meses de setembro de 2025 e fevereiro de 2026. Percebe-se portanto, que o segmento *Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis* iniciou uma trajetória de queda em novembro de 2025, com recuo de 4,9% em relação ao mês anterior, embora ainda mantivesse um crescimento 7,3% superior ao ano anterior. Em dezembro de 2025, a produção despencou 20,1% na comparação mensal, e 19% na anual. Apesar do cenário negativo no final do ano, o setor foi um dos principais pilares da indústria de transformação baiana em 2025, acumulando um avanço de 5,1% impulsionado pela maior produção de gasolina e óleo combustível. Contudo, a leve recuperação de 2,9% em janeiro de 2026 foi insuficiente para reverter a tendência de baixa, resultando em quedas expressivas de 19,2% em janeiro e 9,5% em fevereiro em relação a 2025.

Tabela 1:

Mês	set. 2025	out. 2025	nov. 2025	dez. 2025	jan. 2026	fev. 2026
Indústrias extrativas	85,3	84,2	84,7	80,2	75,9	73,5
Produtos alimentícios	117,6	122,5	111,6	110,7	109,7	104,0
Bebidas	95,9	103,4	105,8	118,0	115,3	108,0
Couros, artigos para viagem e calçados	98,0	102,1	79,0	47,9	56,5	63,6
Celulose, papel e produtos de papel	101,1	101,4	99,9	99,6	91,1	78,2
Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis	108,0	120,7	114,8	91,7	94,4	93,9
Produtos químicos	95,8	92,4	78,8	71,3	82,1	79,1
Produtos de borracha e de material plástico	108,9	116,4	112,2	107,0	106,8	103,8
Produtos de minerais não metálicos	100,7	100,9	98,4	96,0	93,1	88,0
Metalurgia	80,3	84,8	72,0	82,2	81,7	71,4
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	128,4	122,4	106,8	47,5	68,1	65,0

Fonte: IBGE

Elaboração própria.

O setor de *máquinas, aparelhos e materiais elétricos*, que registrou a maior queda anual em fevereiro de 2026 (conforme o Gráfico 3), mantém uma tendência de declínio tanto na comparação mensal quanto na anual. Esse desempenho contrasta com o resultado consolidado de 2025, em que o segmento obteve um crescimento de 11,5%, impulsionado sobretudo pela produção de eletrodomésticos. Embora tenha iniciado o período com uma alta expressiva de 43,6% em setembro de 2025 na comparação anual, o setor passou a acumular perdas a partir de novembro, atingindo seu pior desempenho em dezembro de 2025, com uma retração de 56,3% anual e 55,6% mensal.

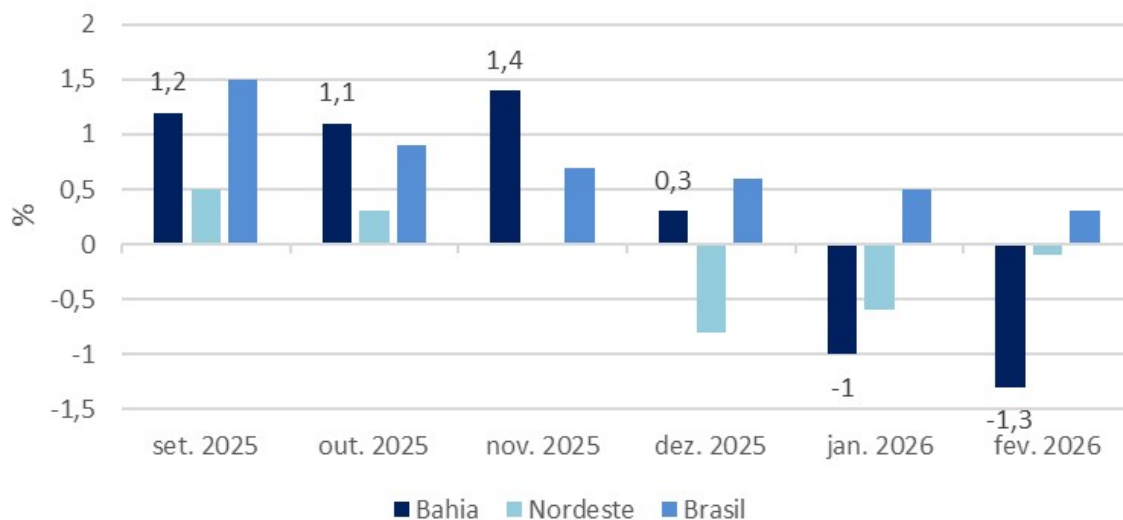
O setor de *produtos químicos* apresentou um desempenho predominantemente negativo ao longo de 2025 e no início de 2026, mantendo uma trajetória de declínio quase ininterrupta na comparação anual. O segmento registrou quedas acentuadas em outubro (-12,8% anual e -3,5% mensal), atingindo seu pior resultado em dezembro de 2025, com uma retração de 16,2% em relação ao ano anterior e 9,4% em relação ao mês anterior. No primeiro bimestre de 2026, o setor continuou operando em patamares inferiores aos do ano anterior, registrando uma perda anual de 5,7% em janeiro – embora tenha apresentado uma recuperação mensal de 15,1% em relação à dezembro. Em fevereiro, manteve-se a trajetória de baixa com um recuo de 5,2% na comparação anual e de 3,6% na mensal.

O setor de *Celulose, papel e produtos de papel* apresentou um comportamento volátil ao longo de 2025, alternando entre quedas expressivas e recuperações pontuais. Após um início de ano instável por conta da parada para manutenção, o segmento registrou altas anuais significativas em novembro (16,6%). No entanto, ao entrar em 2026, o setor voltou a enfrentar dificuldades na comparação anual, registrando uma queda de 11,6% em janeiro. Em fevereiro de 2026, embora o setor tenha apresentado uma variação anual positiva de 5,5%, a produção está em um patamar de produção reduzido em comparação aos meses anteriores, tendo expressado uma queda de 14,1% em relação à janeiro.

O setor de *Produtos alimentícios*, após enfrentar um período de instabilidade na primeira metade do ano, consolidou uma tendência de crescimento a partir de setembro, quando registrou alta de 7,7%. Esse desempenho positivo manteve-se consistente na virada do ano, culminando em um primeiro bimestre de 2026 robusto, com avanços anuais de 8,1% em janeiro e 10,9% em fevereiro, consolidando o setor como um dos destaques de crescimento no período analisado, principalmente pela maior produção de leite em pó e óleo refinado de soja.

A produção industrial da Bahia apresentou um ritmo de crescimento superior às médias do Nordeste e do Brasil no final de 2025, atingindo seu pico de expansão em novembro (1,4%). No entanto, o estado iniciou uma trajetória de desaceleração acentuada na virada do ano, entrando em terreno negativo no primeiro bimestre de 2026, com quedas de -1% em janeiro e -1,3% em fevereiro. Esse movimento de retração foi mais severo do que o observado no plano regional (Nordeste), que registrou -0,1% em fevereiro, e divergiu do cenário nacional, uma vez que o Brasil conseguiu manter índices de crescimento positivos, embora decrescentes, encerrando o período com alta acumulada de 0,3%.

Produção física da indústria geral - Bahia, Nordeste e Brasil - Set.2025-Fev.2026



Fonte: IBGE

Elaboração Própria

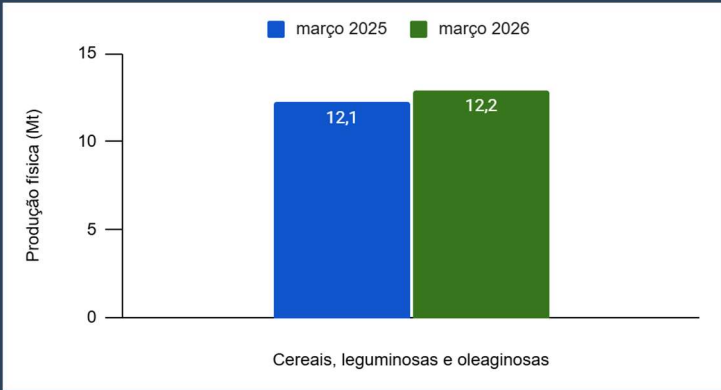
Nota: Variação acumulada em 12 meses em relação ao período anterior.

Commodities Agrícolas

Introdução

A conjuntura agrícola do primeiro trimestre de 2026 foi determinada pela combinação dos fatores climáticos, desestímulo no mercado agrícola em relação às cotações pouco favoráveis, encarecimento dos custos das lavouras e um cenário internacional de incerteza. Apesar dos desafios, as commodities agrícolas da Bahia demonstram boas perspectivas de produção. Segundo a estimativa do IBGE para março, a safra atual deve crescer 5,5% na produção total, impulsionada pelo aumento dos níveis da soja baiana ao passar dos anos.

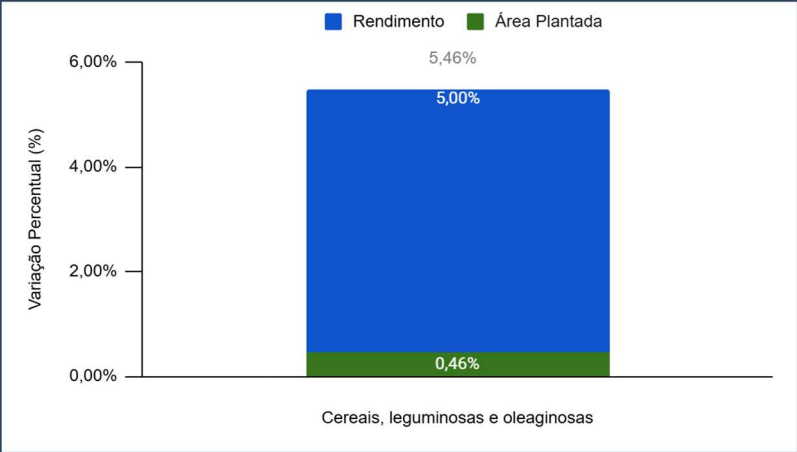
Gráfico 1 - Comparação da produção física de grãos em 2025 e 2026.



Fonte: Sidra-LSPA/IBGE (Elaboração Própria)

As estimativas atuais da safra indicam um modesto crescimento de 0,5% nas áreas produtoras em comparação com o ano anterior. Observa-se, redução da área cultivada, concentrada principalmente nas áreas de sequeiro, em razão da menor rentabilidade esperada para a cultura diante da queda dos preços no mercado internacional e da adoção de estratégias de rotação com soja, milho e sorgo. Em contrapartida, o cultivo irrigado apresenta expansão, devido à maior segurança produtiva e menor exposição ao estresse hídrico, característica relevante, considerando o elevado custo e o ciclo mais longo do algodão. Assim, o aumento na produção é atribuído principalmente à melhora nas expectativas de produtividade. Esse cenário é particularmente notável na cultura da soja, o principal cultivo da Bahia, que apresenta volumes crescentes. Vale ressaltar que os números divulgados pelo Levantamento de produção agrícola do IBGE, estimam um valor final das variáveis fundamentais de análise, portanto, não é a contagem efetiva da safra.

Gráfico 2 - Fatores de crescimento da produção agrícola

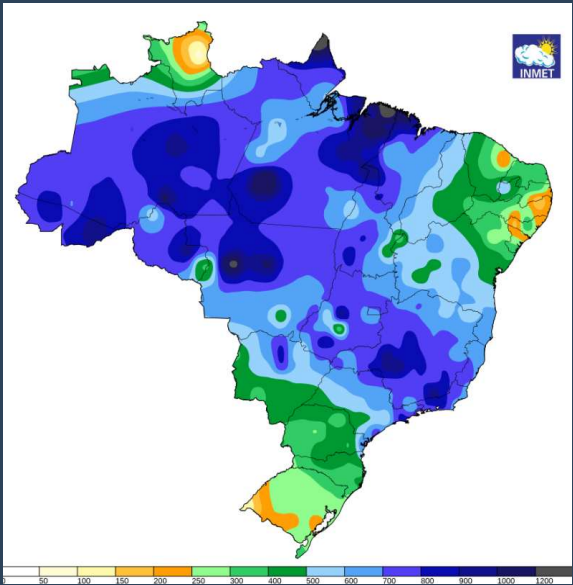


Fonte: Sidra-LSPA/IBGE (Elaboração Própria)

Condições Climáticas

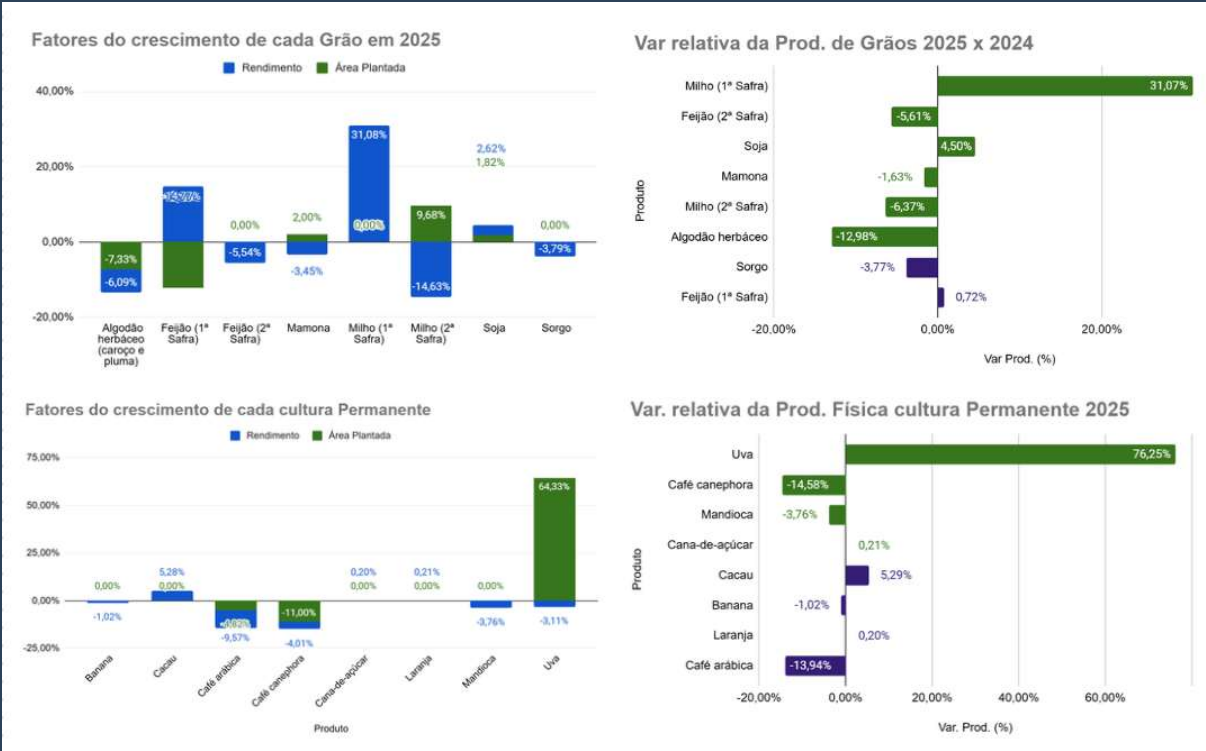
Os primeiros meses do ano se destacaram pela boa distribuição dos níveis de precipitação nas principais regiões produtoras do estado. Em um cenário típico de verão, a Bahia registrou um volume de chuvas expressivo, variando entre 300 mm e 600 mm, o que contribuiu para o desenvolvimento eficiente das lavouras. Para a cultura da soja no MATOPIBA, as condições observadas contribuíram para a manutenção da taxa de enchimento de grãos e para a redução do risco de abortamento floral com impacto positivo sobre o potencial produtivo (Boletim Agroclimatológico mensal INMET). A permanência da conjuntura climática no mês de março, no entanto, provocou uma redução nas operações de colheita nas safras que estavam em seu estágio final de produção. Além disso, existe uma preocupação dos produtores na possível perda pontual de produtividade em certas lavouras. Haja vista que à extrapolação dos níveis aceitáveis de umidade nos grãos, acarreta o risco de uma diminuição na qualidade de parte da produção.

Figura 1 - Precipitação acumulada dos meses de janeiro à março de 2026



Análise das Culturas

Gráfico 3 - Variação relativa da produção e os fatores de crescimento das culturas de curto e longo prazo



Fonte: Sidra-LSPA/IBGE (Elaboração Própria)

- Soja

A soja, cultura mais relevante do cenário agrícola baiano, permanece em seu ritmo sequencial, ano após ano, de expansão das áreas de plantio. Dado uma rentabilidade favorável da cultura, os produtores baianos sentiram-se confortáveis na ampliação das áreas destinadas à plantação, com um aumento de 1,82% em comparação ao ano anterior. As condições climáticas favoráveis resultaram em uma excelente qualidade no desenvolvimento dos grãos. Esse cenário impulsionou a produtividade da lavoura, que registrou um aumento de 2,6%.

A combinação desses dois fatores proporcionaram um aumento de 4,5% nas estimativas de produção dessa safra, mesmo com um risco de queda na produtividade de alguns grãos com excedente hídrico. A colheita da soja irrigada

está praticamente finalizada, com números inferiores às estimativas iniciais. A nebulosidade em dezembro em conjunto a antecipação da colheita, em função do plantio do algodão, determinou a diminuição do rendimento da soja irrigada. O sequeiro apresenta-se em fase de enchimento de grãos e maturação, e a colheita alcançou 60% da área cultivada no final de março. A regularidade das chuvas, ocorrida nos últimos dois meses, favoreceu o desenvolvimento das lavouras, que apresentam bom desempenho. O cenário atual exige monitoramento intensivo das áreas cultivadas. (Conab)

- **Algodão**

Em 2025, os produtores baianos se beneficiaram de um cenário favorável de expansão da área plantada e da produtividade. Isso ocorreu devido às boas cotações observadas no período de plantio, somadas às condições ideais de umidade e temperatura. A elevada produção no ano anterior resultou em uma elevação dos estoques no mercado de algodão. Isso, combinado com a fraca demanda internacional, provocou a retração dos preços e criou um cenário pouco atrativo para 2026.

As projeções iniciais para a safra de 2025/2026 indicam um cenário pessimista, com uma produção estimada de 7,3% na área cultivada e uma queda de 13% na produção total. Muitos produtores têm optado por diminuir a área de plantio de algodão, trocando-a por outras culturas na segunda safra, como o milho. Além disso, existe uma expectativa de redução na produtividade, causada por condições climáticas menos favoráveis nesta safra.

Quanto ao estágio fenológico, as áreas de sequeiro encontram-se predominantemente em fase de formação de maçãs, enquanto as lavouras irrigadas seguem em desenvolvimento vegetativo.

- **Milho (1º e 2º Safra)**

O milho possui duas safras ativas no primeiro trimestre de 2026. As estimativas para a primeira safra são positivas, indicando um aumento de 31% na produção. Esse crescimento é reflexo da decisão dos produtores de substituir as lavouras de algodão pelo cultivo de milho, uma escolha considerada ideal devido à baixa cotação do algodão. Devido às ótimas condições climáticas e às boas precipitações registradas nos primeiros meses do ano, as lavouras de milho apresentam um desenvolvimento favorável, o que permite prever um aumento na produtividade dos grãos. As estimativas mais recentes do IBGE, por não atualizarem a área plantada, resultaram em um aumento acentuado de 31% na produtividade, um valor que provavelmente será ajustado nos próximos meses. Na Bahia a cultura apresenta vários estágios fenológicos diferentes, como desenvolvimento vegetativo, floração, enchimento de grãos e colheita.

O processo de semeadura da segunda safra do milho foi finalizado, com ótimas condições de umidade do solo. Apesar das boas condições de plantio, as expectativas de produtividade da 2ª são pessimistas. Com uma baixa precipitação nesse período nos anos anteriores e o atraso no período de plantio, o IBGE estima uma redução de 14,6% do rendimento. Consequentemente, espera-se uma diminuição de 6,3% da produção das lavouras baianas.

- **Café (Arábica e Canephora)**

A Bahia, com a distinção de seus três biomas, apresenta um contexto favorável para a produção e o aproveitamento tanto do café arábica quanto do conillon. Com os ótimos níveis de precipitação nas regiões do Planalto da Conquista, esperava-se uma estimativa positiva em relação ao rendimento médio e a área plantada, entretanto, as estimativas do mês de março do IBGE, apresentam uma variação negativa de 9,5% e 4,8% em relação ao ano anterior. De acordo com o Boletim da CONAB, a safra atual apresenta um baixo desempenho produtivo nas lavouras. Isso se deve ao desgaste fisiológico das plantas ocorrido na safra anterior, resultante de fatores adversos como estiagem prolongada, altas temperaturas e o estresse associado à colheita estendida, provocado pela maturação irregular dos frutos no ciclo passado.

O extremo-oeste é uma outra região que possui lavouras relevantes no cenário baiano. Nessa região, espera-se uma redução da produtividade, em virtude de uma previsão de bienalidade negativa. Existe uma tendência dos danos serem mitigados para a safra de 2026, uma vez que manejo intensivo adotado na produção vem reduzindo os esses efeitos fisiológicos nas lavouras. Com todo esse cenário negativo, o IBGE estima uma redução de 13,9% da produção das plantações de café para o final da colheita. Na última atualização em fevereiro, as safras de café arábica apresentaram fases de granação dos frutos e maturação dos grãos, com expectativa de início da colheita em abril.

No sul da Bahia, o cenário da cafeicultura é marcado por um otimismo produtivo que contrasta com os indicadores estatísticos de queda na produção 14%, na área plantada 11% e no rendimento médio 4%. Esse entusiasmo é impulsionado por um manejo hídrico eficiente, que combina o regime de sequeiro, favorecido pela boa pluviosidade litorânea, com a irrigação suplementar, garantindo que as lavouras em fase de expansão e enchimento de grãos apresentem vigor vegetativo e sanidade exemplares. Esse desempenho técnico tem estimulado uma forte expansão da cultura, evidenciada pela alta demanda por mudas em viveiros, pela renovação de talhões de baixa produtividade e pela conversão de antigas áreas de pastagem em novos cafezais, sinalizando uma reestruturação do setor na região.

- **Cacau**

O cenário da cacauicultura baiana em 2026 projeta um crescimento de 5,3% na produção, alcançando a marca de 125,4 mil toneladas e consolidando uma participação de 40,3% no total nacional. Esse avanço é impulsionado por investimentos estratégicos em tecnologia, sustentabilidade e no fortalecimento da agricultura familiar, com um foco crescente na qualidade superior das amêndoas.

Apesar do otimismo e da expectativa de aumento de 5,3% na produtividade, o estado ainda enfrenta desafios estruturais históricos. Por ser uma região de cultivo antigo, as lavouras baianas sofrem com uma maior incidência da vassoura-de-bruxa, doença fúngica que impacta diretamente o rendimento das plantas. Essa realidade reflete-se na disparidade produtiva entre os principais polos: enquanto o Pará atingiu uma média de 900 kg/ha em 2025, a Bahia registrou 265 kg/ha, evidenciando a necessidade contínua de renovação das áreas e manejo fitossanitário para reduzir esse hiato tecnológico.

Conclusão

O agronegócio da Bahia demonstrou notável resiliência no primeiro trimestre de 2026, com as commodities agrícolas projetando um aumento na safra total. Esse crescimento é majoritariamente impulsionado pelo avanço da soja e por condições climáticas favoráveis, apesar das incertezas internacionais e dos desafios de custos. Contudo, o setor exhibe um panorama de contrastes. Enquanto a soja se mostra robusta e o cacau inspira otimismo, o algodão exige cautela, e o café enfrenta desafios estruturais ligados à bienalidade e ao manejo.

Referências Bibliográficas

IBGE. Levantamento Sistemático da Produção Agrícola. 2026. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=72415>.

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento. Informações Agropecuárias. 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/conab/ptbr/atuacao/informacoes-agropecuarias>.

INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA (INMET). SISDAGRO. Disponível em: <https://sisdagro.inmet.gov.br/sisdagro/app/index>

INVESTING.COM BRASIL. Disponível em: <https://br.investing.com/>.

Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia - AIBA. 2026. Disponível em: <https://aiba.org.br/boletim-safra/>

Mercado do Caca. 2026, Disponível em: <https://mercadodocacau.com.br/>

BC - Banco Central do Brasil. 2026, Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/historicocotacoes>

